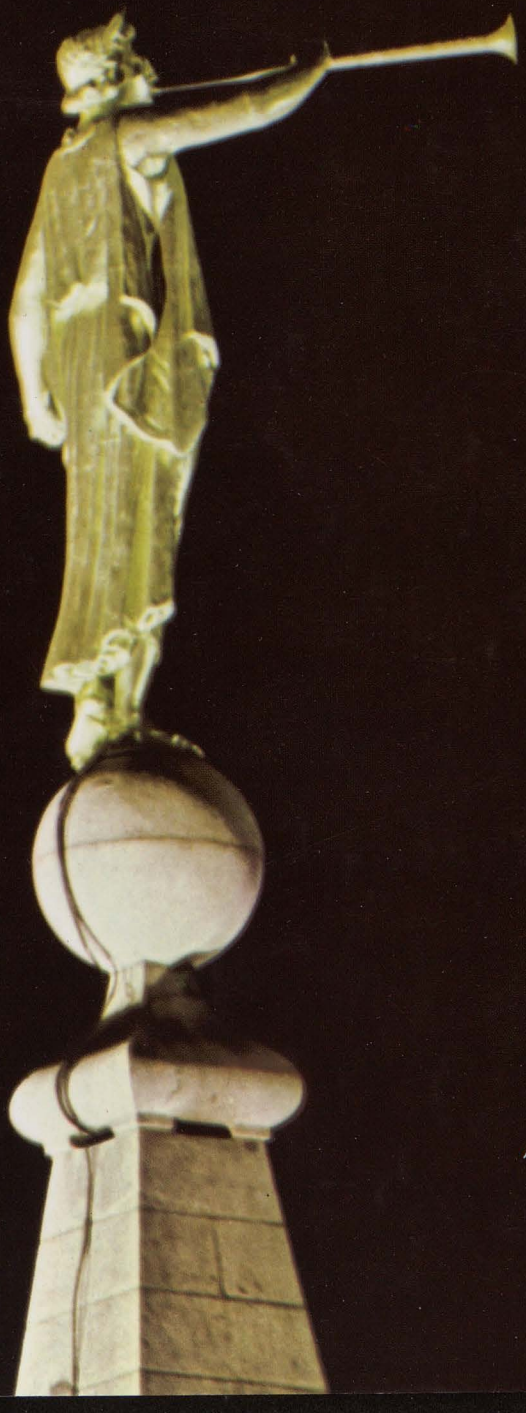


27/12 dezembro 1974

A Liahona

A Liahona 27/12 dezembro 1974
Publicação mensal
d'A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias.

CAPA:
Anjo Moroni
Na Agulha do Templo
de Salt Lake City

NESTE NÚMERO

3	**Expiação de Cristo: A Dádiva Suprema** ..	Presidente Marion R. Romney
6	**Presentes Inesquecíveis**	
10	**Nasceu o Infante**	Mabel Jones Gabbott
12	**Dar e Receber**	Robert J. Matthews
14	**Irmão Joseph**	Carl Arrington
18	**Perguntas e Respostas**	
19	**Os Três Presentes**	Ellen Earnhardt Morrison
21	**Mensagem de Natal para as Crianças da Igreja do Mundo Inteiro**	da Primeira Presidência
22	**A Vela de Natal**	
24	**Natal ao Redor do Mundo**	
27	**Perguntas e Respostas**	
28	**Suas Horas Finais**	Élder Howard W. Hunter
31	**Cremos em Tudo o que Deus tem Revelado**	Élder Boyd K. Packer
35	**O Ministério do Salvador**	Élder Delbert L. Stapley
38	**A Força do Testemunho**	Presidente Hartman Rector, Jr.
42	**"Se Eu... Não Derramar sobre Vós uma Benção"**	Élder Henry D. Taylor
44	**Em Vias de Preparação Novo Hinário da Igreja, os Santos estão Convidados a Apresentar Músicas e Letras**	
45	**Anunciadas Conferências de Área no Japão e Coréia**	
46	**Materiais para o Ano de 1975-1976**	
46	**A Estaca de Curitiba Realiza sua 3.ª Conferência Anual**	
47	**Exposição Mórmon em São Paulo**	

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITE DE SUPERVISÃO
J. Thomas Fyans
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE
Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"
José B. Puerta, Editor Responsável
José B. Puerta, Editor da Parte Nacional

SUPERVISOR DE LAYOUT
Luiz Rubião Silva

REGISTRO
Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o no. 1151-P.209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr$ 20,00; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr$ 2,00; exemplar atrasado: Cr$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "International Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribebuí, n.º 331, Telefone 276-4893, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

Expiação de Cristo: A Dádiva Suprema



Mensagem da Primeira Presidência

por Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Nesta época do Natal, meus pensamentos voltam-se para Jesus Cristo, em apreço por sua misericórdia e suas bênçãos, centralizando-se minha mente na sublime dádiva de sua expiação.

A gratidão por ter expiado pelos meus pecados pessoais aumenta continuamente.

A dor e o sofrimento, tanto físico como mental, causados pelas transgressões e pecados dos homens, publicados diariamente pelos meios de comunicação, desesperam o coração dos justos; suas almas anseiam pelo entendimento universal de que todo esse sofrimento poderia ser erradicado, se os homens compreendessem a expiação de Cristo e se qualificassem para as bênçãos que traz.

Dos dois aspectos da expiação, o mais fácil e geralmente aceito é o da ressurreição dos mortos. É conciso e corretamente exposto assim por Paulo:

"...assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo." (I Cor. 15:22)

Mórmon coloca os dois aspectos da expiação na devida perspectiva, em seu grande sermão sobre fé, esperança e caridade, nestas palavras:

"...que é que deveis esperar? Eis que vos digo que deveis ter esperança de que por intermédio da expiação de Cristo e do poder da sua ressurreição, sereis elevados à vida eterna..." (Morôni 7:41)

Não é preciso que o homem tenha fé em Cristo para ser ressuscitado, "porque [conforme Cristo falou] vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz.

"E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação." (João 5:28-29)

Abordaremos aqui a parte da expiação que elevará o homem "à vida eterna". Para receber-se a bênção deste aspecto, não é preciso esperar até a ressurreição. Amuleque, ensinando aos nefitas, dizia:

"E agora, meus irmãos, eu quisera que... viésseis e trouxésseis frutos de arrependimento.

"...pois agora é chegado o tempo e o dia da vossa salvação; e se vos arrependerdes, não endurecendo vossos corações, imediatamente será realizado para vós o grande plano de redenção." (Alma 34:30-31)

Quando alguém se qualifica para receber a bênção deste aspecto da expiação de Cristo, seus pecados são-lhe perdoados pelo poder de Deus; ele volta a nascer do Espírito; torna-se uma nova pessoa; assume a natureza divina; não tem mais "vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem continuamente" (Mosiah 5:2); tem a consciência tranqüila e está cheio de alegria. (Vide Mosiah 4:3) É a isto que se referia Jesus, quando disse:

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

"Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para vossas almas.

"Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mat. 11:28-30)

Se todos os homens cressem em Jesus, acreditassem em suas palavras e obedecessem a seus mandamentos, os problemas e pesares humanos se derreteriam como a geada branca se esvai aos raios ardentes do sol nascente.

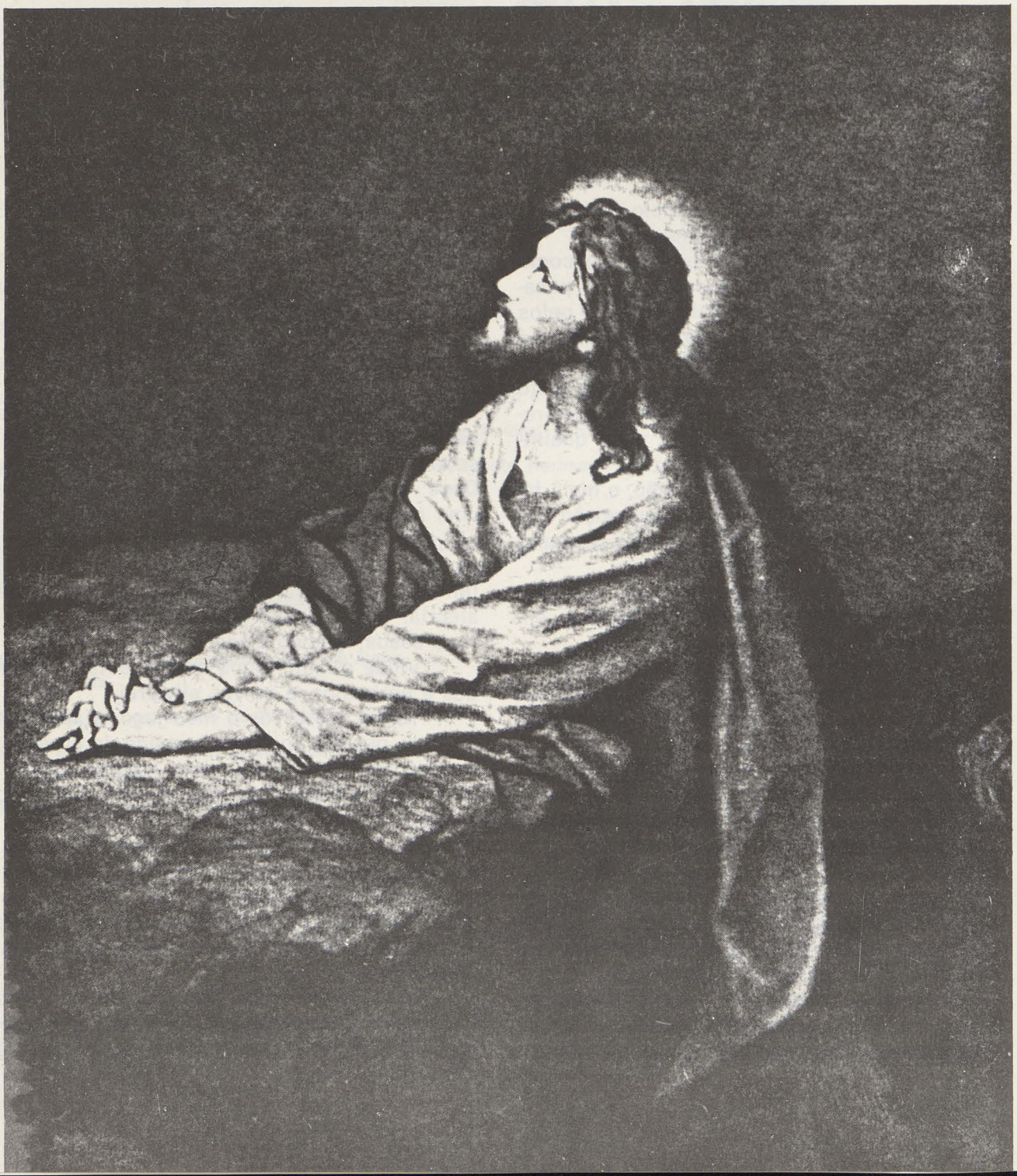
Em IV Néfi, temos os anais de um povo que assim fez e conservou uma sociedade pacífica e feliz por duzentos anos. Diz o registro:

"E aconteceu que, no ano trigésimo sexto, o povo inteiro foi convertido ao Senhor sobre toda a face da terra, tanto nefitas como lamanitas; e não havia contendas nem disputas entre eles, e procediam retamente uns com os outros.

"E tinham todas as coisas em comum; portanto, não havia ricos nem pobres, escravos nem livres, mas eram todos livres e participantes do dom celestial.

"E não havia contendas na terra, em virtude do amor a Deus que vivia nos corações do povo.

"E não havia invejas, nem disputas, nem



tumultos, nem devassidão, nem mentiras, nem assassínios, nem nenhuma espécie de lascívia; e sem dúvida não poderia haver povo mais ditoso entre todos os povos criados pela mão de Deus." (IV Néfi 2-3 e 15-16)

Para que se entenda o aspecto da expiação de Cristo que habilita o homem a ganhar a vida eterna, é preciso lembrar que o homem mortal, enquanto viver aqui na terra, é iluminado pelo espírito de Deus, e também tentado por Satanás. Todo ser humano que ultrapassa a idade da responsabilidade, sucumbe em certo grau às tentações de Satanás. Jesus, o Filho de Deus na carne como no espírito, foi a única exceção.

Cedendo às tentações de Satanás, tornamo-nos impuros. E à medida que o fazemos, tornamo-nos carnais, sensuais e perversos. Como conseqüência, somos banidos da presença de Deus, não podendo ser readmitidos a ela, sem nos limparmos da mancha de nossas transgressões, porque "nada que seja impuro pode entrar em seu reino". (III Néfi 27:19) Os homens, tendo-se desqualificado, no exercício de seu livre arbítrio, para um lugar no reino de Deus, são dali banidos e não podem voltar por seus próprios esforços. Para que possam retornar, é preciso que seus pecados sejam expiados por alguém que não foi banido — e esse alguém foi Jesus.

Todos os habitantes da terra "são filhos e filhas gerados para Deus" (D&C 76:24) no espírito. Jesus foi o seu primeiro filho espiritual. Quando, no mundo espiritual, se planejou a provação mortal do homem, Jesus foi escolhido e designado para vir à terra como o Filho de Deus na carne e levar uma vida sem pecado. Enquanto aqui estivesse, deveria sofrer o bastante a fim de satisfazer às exigências da justiça para os pecados de todos os homens.

Por volta de 570 A.C., Léhi disse que Cristo viria e se ofereceria "em sacrifício pelo pecado, satisfazendo, assim, as demandas da lei para todos os quebrantados de coração e contritos de espírito, e por nenhum outro podem as demandas da lei ser cumpridas.

"Portanto, quão importante é tornar estas coisas conhecidas dos habitantes da terra, para que saibam que nenhuma carne pode habitar na presença de Deus, a menos que seja por meio dos méritos, misericórdia e graça do Santo Messias..." (II Néfi 2:7-8)



Jacó acrescenta:

"E ele vem ao mundo para que possa salvar todos os homens, se eles ouvirem sua voz; pois que sofre as penas dos homens, sim, as penas de toda criatura vivente tanto homens como mulheres e crianças, que pertencem à família de Adão." (II Néfi 9:21)

Mil e oitocentos anos depois de haver padecido no Getsêmani, o próprio Jesus chamou um dos irmãos ao arrependimento, dizendo:

"Portanto, ordeno que te arrependas — arrepende-te, para que eu não te fira com a vara da minha boca, e com a minha ira, e com a minha cólera, e os teus sofrimentos sejam dolorosos — quão dolorosos tu não o sabes, nem quão pungentes, sim, e nem quão difíceis de suportar.

"Pois eis que eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que, arrependendo-se, não precisassem sofrer;

"Mas se não se arrependessem, deveriam sofrer assim como eu sofri;

"Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar.

"Todavia, glória ao Pai, eu tomei a taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens." (D&C 19:15-19)

Tal foi o preço pago por Jesus para fornecer-nos os meios de, pela fé e arrependimento, conseguirmos perdão de nossos pecados e usufruirmos as bênçãos da vida eterna; tudo feito pela sua expiação — a Dádiva Suprema.

PRESENTES INESQUECÍVEIS

PRESENTES INESQUECÍVEIS

O presente que nosso Pai Celestial deu ao mundo no primeiro Natal, desde aí vem exercendo um impacto inesquecível na vida de seus filhos. E as dádivas que nós damos? Nas páginas a seguir, santos da Inglaterra ao Japão compartilham conosco os presentes de amor que dão realidade ao Natal.

Itália, 1943

Walter Stevenson
Londres, Inglaterra

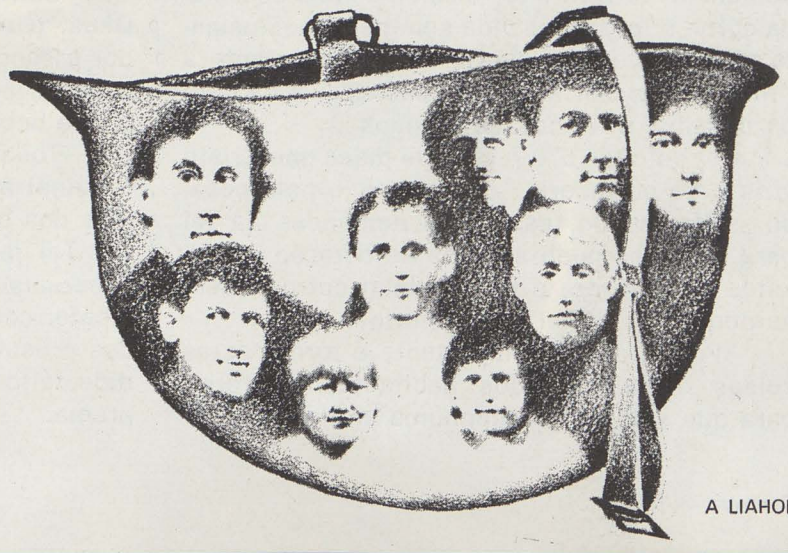
Jamais vi tão profunda manifestação do espírito natalino em circunstâncias tão estranhas, quanto no Natal de 1943.

Eu estava na divisão britânica que fazia parte do Quinto Exército Americano na Itália. Desde o desembarque em Salerno, as baixas vinham sendo contínuas e pesadas. Em dezembro, estávamos avançando lentamente ao norte de Nápoles — friorentos, molhados, cobertos de lama, bastante desanimados e um pouquinho saudosos de casa. Nunca a perspectiva de um Natal parecera tão triste e distante.

Aproveitando uma pausa nos combates, decidimos tomar posição numa pequena herdade. Como a região toda estava deserta, ficamos surpresos ao encontrar a casa ocupada por um lavrador, sua esposa e sete filhos. Eles nos convidaram para que participássemos da sopa do jantar.

Deus os protegera, contou-nos o lavrador. As crianças, indo dos dois aos catorze anos, haviam passado dias escondidas no porão. Duas das meninas tinham feridas nas pernas, outra fora atingida nas costas por um estilhaço de granada, e o braço do pai estava ferido. A maior parte do gado estava morta, o celeiro pegara fogo, e os alemães, em retirada, haviam levado os cavalos, quase todos os mantimentos e alguns pertences da casa. Não tinham sabão nem suprimentos médicos e havia muito pouca comida; mas a casa estava inteira, a família continuava reunida e não queriam ir embora.

Com a ajuda deles, instalamos um posto de comando na casa. Como eu era assistente



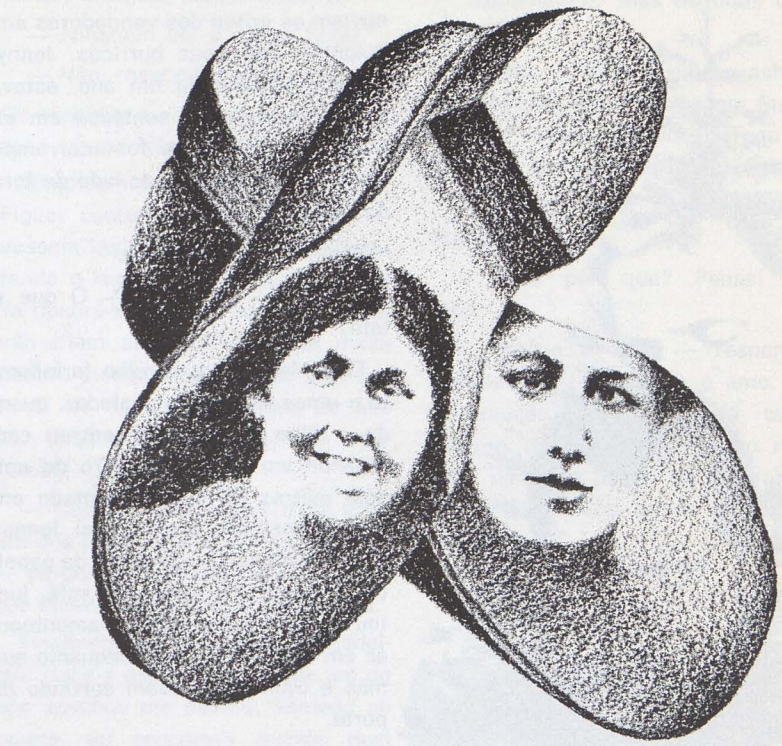
médico, nosso oficial comandante ordenou-me que cuidasse das crianças. Todo o grupo de artilharia preocupou-se com aquela família, cujo Natal se pronunciava realmente negro.

Em segredo, começamos a coletar coisas preciosas, como pedaços de sabonete, talco, chocolate e outras quinquilharias para as crianças e os pais. Descobrimos uma arvorezinha arrancada pela raiz; não era do tipo tradicionalmente usado para Natal, mas, mesmo assim, decoramo-la com papel prateado e de cor. Depois de pronta, jamais houvera árvore mais linda, enfeitada com todo o amor que os soldados gostariam de dar aos próprios familiares. À noite, na véspera de Natal, pudemos ouvir as crianças orando pelos soldados ingleses e suas famílias.

Quando demos nossos presentes aos pais na manhã do Natal, eles choraram de alegria. Aquele foi o primeiro jantar de Natal em que nós comemos espagueti, e os italianos provaram pudim inglês de Natal. Jamais esquecerei o júbilo das crianças diante de presentes tão simples, e os abraços e beijos que fizeram todo mundo chorar. Eles não falavam inglês, e a maioria de nós apenas umas poucas palavras de italiano, mas todos entenderam o brinde do lavrador: "Se o espírito que reina aqui pudesse estar no coração de todos os homens, esta guerra nunca teria acontecido." Para alguns dos soldados, aquele foi o último Natal na terra; e para nós, os sobreviventes, sem dúvida o mais memorável.

Pés Gelados, Corações Quentes

Nicole Filosa
Marselha, França



Naquele ano fazia um frio intenso em Marselha, França. Havia gelo por toda a parte. Eu vinha voltando das compras, cheia de pacotes, quando reparei em duas garotas argelinas, uma de uns dezoito anos e a outra de mais ou menos treze. A menor usava umas simples chileninhas de verão, e seus pés estavam vermelhos de frio.

Não podendo resistir ao impulso de ajudar, aproximei-me dela e disse:

— Tenho uns sapatos em boas condições que não sei a quem dar. Se quiser, posso dá-los a você.

Ela não conseguia acreditar em seus ouvidos.

— Quer dizer que vai dá-los para mim? Agora?

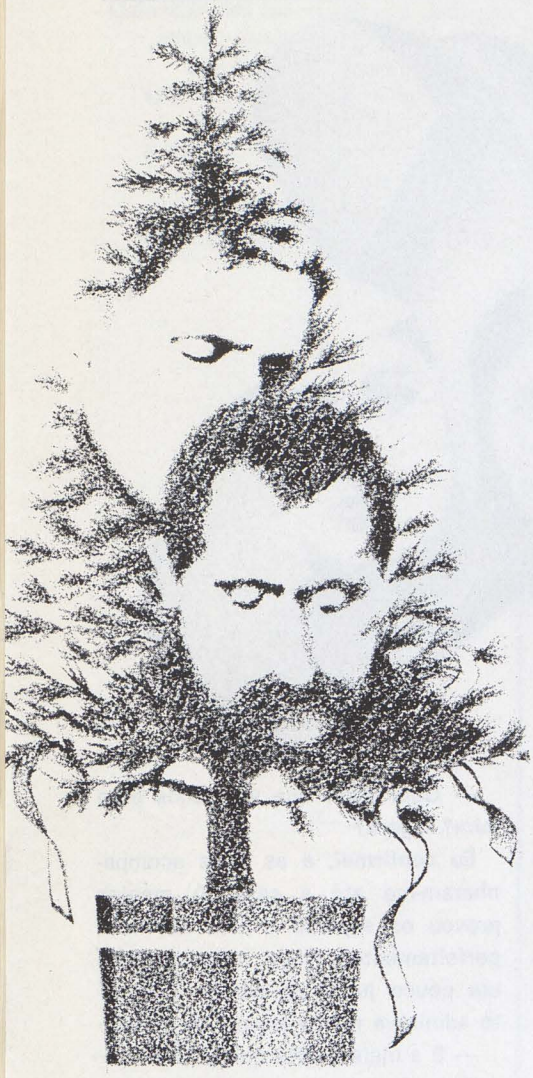
Eu confirmei, e as duas acompanharam-me até a casa. A menina provou os sapatos e eles serviram perfeitamente. Ficou aquecendo-se um pouco junto da estufa, enquanto admirava minha árvore de Natal:

— É a mais bonita que já vi.

Sua sinceridade tocou-me profundamente. Ficamos conversando como velhas amigas sobre as tradições cristãs e islâmicas, e naquele momento não havia nada além de irmandade entre nós, três pessoas tão diversas em raça e religião. Éramos três filhas de Deus e nada mais.

O Pinheiro

Roger K. Williams
Shiraz, Irã



Faltavam dois dias para o Natal. Sentados no sofá, nossos pensamentos eram pesados e negros como o telhado de terra sobre nossas cabeças.

Sendo os únicos santos dos últimos dias em Shiraz, Irã, minha mulher e eu fazíamos nossas próprias reuniões, estudávamos as Escrituras e líamos as publicações da Igreja. Isto nos animava espiritualmente, porém sentíamos falta da confraternização com outros santos. Tal fato se agravava na época do Natal.

Era noite lá fora. Já não mais se ouviam os gritos dos vendedores ambulantes com seus burricos. Jenny, nossa garotinha de um ano, estava dormindo. Ficamos sentados em silêncio, até que este foi interrompido por um leve ruído do lado de fora da porta da cozinha.

Pam foi ver o que era.

— Oh! — gaguejou. — O que é isto?

Então houve um barulho farfalhante e umas risadinhas abafadas, quando o filho do senhorio entrou carregando um esguio pinheiro de uns dois metros de altura, plantado em vaso, arrastando atrás de si longas tiras de crepom e correntes de papel. Ele o depôs em frente do sofá, juntou as tiras e correntes e amontoou-as em cima dos ramos, enquanto sua mãe e irmã observavam sorrindo da porta.

Ficamos olhando incrédulos para a árvore. Tiras brancas, rosa, azuis e cor de alfazema caíam graciosamente dos ramos entre guirlandas verdes e vermelhas. Diversos pompons de algodão enfeitavam os ramos.

— O que diz disto? — perguntei.

Com certo esforço, Pam conseguiu limpar a garganta.

— Oooh, — disse ela, — que maravilha!

Depois, sentamo-nos novamente em silêncio, mas agora era um silêncio de satisfação — um silêncio feliz, transbordante. Vejam, nossos senhorios são judeus.

Noite Cristã

Takanori Endo
Japão, Missão Leste

Eu costumava ir para casa depressa, sem pensar em coisa alguma. Mas há treze anos atrás, na primeira noite em que celebrei o Natal como cristão, fiquei atento a cada passada na neve, depois parava para olhar as estrelas, sempre reconfirmando meu conhecimento íntimo de Jesus Cristo.

Esse conhecimento eu obtivera seis meses antes do dia de Natal. Na época, eu pensava somente em ganhar dinheiro, mas um bom amigo perguntou-me de repente:

— Sr. Endo, não gostaria de ir à Igreja?

Fiquei pasmo ao perceber que ele conhecia um mundo em que jamais havia pensado.

Naquele ano, celebrei o Natal pela primeira vez; e nessa noite fria, deime conta do que fizera transbordar meu coração naqueles seis meses. Era um dom insubstituível. Mais tarde, encontrei minha companheira eterna, e quando celebramos o Natal em companhia de nossos quatro filhos, lembro-me sempre desse presente maravilhoso de meu amigo.



Não Me Envolva

Edna M. Jones
Leicester, Inglaterra

Bem, este ano ficaremos em casa com os meninos, — anunciara meu marido aos garotos e a mim, naquele Natal de há dez anos. — Será bom para variar. Afinal, estamos com a família todo ano; vai ser gostoso ficarmos sozinhos uma vez.

Eu concordara prontamente; talvez me facilitasse as coisas festejarmos o Natal a sós, em vez de ter que discutir com parentes e amigos por não tomar chá ou recusar o vinho no jantar natalino. Mas agora que chegara a véspera de Natal, eu já não estava tão certa. A casa mostrava-se muito quieta. Normalmente nessas alturas, havia gente por toda parte, alguns desfazendo malas, outros trabalhando na cozinha, e outros ainda exigindo isolamento total, enquanto embrulhavam apressadamente os últimos presentes.

Hoje, todos os presentes estavam já dispostos debaixo da árvore e tudo pronto na cozinha. Nos anos passados, nesta noite, a família inteira costumava agasalhar-se bem e ir a pé até a igreja paroquial para os serviços noturnos à meia-noite. Será que meu marido não iria levar os garotos?

Não era fácil ser mórmon. Fazia apenas seis semanas, meu marido dissera:

— Se há algo que você acredita que tem de fazer, vá em frente e faça, mas, por favor, **não** me envolva nem traga nenhum desses seus novos amigos a esta casa.

Eu achava que devia batizar-me a todo custo, mas não esperara tanta indiferença por parte de meu marido. Seria este o motivo de querer um Natal calmo, para não ter que dar explicações sobre mim aos parentes?

Ao sentarmo-nos os quatro para jantar, indaguei cautelosamente:

— Ninguém vai à igreja hoje?

— Não, respondeu meu marido. — Os meninos e eu decidimos ficar em casa vendo televisão.

Simplesmente não parecia Natal. Figuei contente que os rapazes tivessem insistido na árvore de Natal, tendo o mais velho se encarregado de decorá-la. Pelo menos os meninos não iriam aborrecer-se — o maior estaria plenamente ocupado com seu ferro de soldar e pedaços de arame, enquanto o mais novo iria jogar futebol.

— Como é, não vamos mais abrir um dos presentes hoje à noite, mãe? — perguntou o de doze anos. — Ora, por favor, nós sempre fizemos isso.

Finalmente, com muitas brincadeiras, risos e especulação, cada um de nós apanhou um pacote. Sentada no tapete, eu procurava decidir qual deles eu devia abrir.

— Tome este, — falou meu marido, colocando um embrulho pesado no meu colo. Era um pacote retangular, muito bem feito, apresentando uma roseta combinando num dos cantos.

Enquanto eu procurava soltar cuidadosamente a fita adesiva, os garotos já tinham desfeito seus pacotes e estavam admirando o conteúdo. Meu marido observava todos os meus movimentos.

Gradualmente, dei-me conta que se tratava de um livro de capa azul escuro. Uma onda de quase descrença envolveu-me, quando vi o título — **O Livro de Mórmon!** Um Livro de Mórmon ilustrado! Eu ouvira falar daquela edição, mas os membros da nossa pequena Escola Dominical eram tão novos quanto eu na Igreja, e ninguém tinha um.

— Que maravilha! Muito obrigada! — exclamei. — Mas de onde o arranjou?

— Bem, — foi a resposta, achei o endereço de uma livraria em Surrey naquela revista que você largou por aí; então tirei uma tarde e fui até lá.

Procurando reter as lágrimas, indaguei:

— Mas por que? Pensei que você...

— Porque a amo, — respondeu mansamente. — Porque a amo.

Observação: Tempos mais tarde, tanto o marido como o filho mais novo da Irmã Jones se filiaram à Igreja. São todos ativos na Estaca Leicester.





Tentem o Teatro em Família

Nasceu o Infante

por Mabel Jones Gabbott

RELANCES SIGNIFICATIVOS DOS PENSAMENTOS DAQUELES QUE PODERIAM TER PARTICIPADO DO PRIMEIRO NATAL

Como dar realidade e sentido à história do Natal para os familiares? Um dos meios é a dramatização, fazendo os personagens bíblicos dizer o que pensam do sagrado acontecimento. A família poderá acrescentar mais personagens, usar cenários e acessórios, simplificar, desenvolver ... as possibilidades são inúmeras.

JOSÉ:

Deus misericordioso!
Ela foi preservada.
Teu filho nasceu.
Quão maravilhosos são teus caminhos;
E quão sábios!
O Filho de Deus, nascido de uma virgem,
conforme o anjo falou,
Pois na verdade não a conheci.

Quão bela está Maria,
Já não parece mais abatida,
Mostra uma radiosidade indescritível.

Estranho que um decreto do próprio César
nos trouxesse até aqui —
"Irás para Belém", está escrito.

Maria estava tão cansada,
e não havia outro lugar
senão este estábulo.
"Para que tudo se cumprisse""

MULHER DO ESTALAJADEIRO:

Mas não havia outro lugar;
estávamos abarrotados, gente até demais.
Além disso, ela não estaria bem
entre toda aquela confusão.
Não haveria nenhum lugar sossegado para ela
quando chegasse sua hora.
Parecia tão pálida e abatida, quase em
tempo de dar à luz.

Com prazer lhe teria arranjado lugar na estalagem,
Mas onde encontrar sossego para ela em toda aquela
agitação?

Mesmo assim, meu marido tê-los-ia mandado embora.

Estou contente que o estábulo
onde os acomodei
estivesse limpo e seco.

PASTOR:

Era aqui que estávamos,
nesta colina;
Ninguém estava dormindo.
Os rebanhos se mostravam inquietos,
Talvez sentindo algo diferente naquela noite.
Pois de repente o céu se encheu de luz radiante,
E apareceu-nos um anjo do Senhor.
A glória do Senhor brilhava em toda parte,
Deixando-nos com muito temor.

Se estivesse só, talvez duvidasse do que via,
Mas era realidade.

Ouvimos o anjo dizer:
"Na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador."
Foi assim que falou!

E vimos a multidão das hostes celestes,
E ouvimo-las louvando a Deus:

"Glória a Deus nas alturas, paz na terra,
boa vontade para com os homens!"

Oh, quão prazeroso fui a Belém,
e vi o santo Infante
envolto em faixas
deitado numa manjedoura —
o Salvador, Cristo Senhor.
Quão sublime da parte dele vir tão humilde
para os seus.

MARIA:

Terminaram
Os longos, preciosos meses em que foi
estímulo de meu coração
e alento do meu ser.
Agora, aqui está,
Inteiro e perfeito.
Dei à luz um filho.

Ser ele o Filho de Deus não é mais milagre para mim
do que para quem quer que creia,
Oh, todo nascimento é um pequeno milagre —
milagre de fé e amor
e das obras maravilhosas de Deus.

Todavia, não há outra tão grande como esta:
Pois disse Gabriel: "O Santo que de ti há de nascer,
será chamado Filho de Deus."

Pasmo por que este humilde lugar — este estábulo.
Será um presságio da vida do Filho de Deus,
entre os humildes da terra?

Talvez.

Entretanto, reis hão de curvar-se diante dele,
E sábios ouvirão a sua voz,
E será amado pelas criancinhas.
O bebê agora está calmo.
Meu tempo já se escoa.
Que a terra receba seu rei.
Nasceu o Filho de Deus.

OS MAGOS:

Vimos um súbito clarão de luz
desabrochando em glória
despertando o espaço infinito.

Qual imã, o astro sem paralelo
guiou-nos desde o Oriente.
Impelidos por estudo longo e profundo,
juntamos mirra, incenso e ouro,
e saímos em busca da dádiva celeste predita,
vencendo desertos, rios e montes.
"Onde está," indagamos, "aquele que é nascido rei dos
judeus?"
Herodes, porém, não soube dizer,
Nenhuma notícia de luz ou milagre ou ser escolhido.

Até que seus escribas e principais sacerdotes,
vendo que buscávamos a verdade,
lembraram-se de ter ouvido:
"Em Belém de Judéia."

"Quando o achardes, participai-mo", pediu Herodes,
"para que também eu vá e o adore."

E ali no estábulo
encontramos o infante com Maria, sua mãe,
e, ajoelhados,
o adoramos.

Mas partimos por outro caminho,
de volta à nossa distante terra natal,
avisados em sonho dos planos de Herodes.

Ele era o Rei.
Vimos sua estrela no Oriente,
Viemos adorá-lo em Belém.
Contemplamos o Rei, o predito Salvador do mundo.

A Irmã Gabbott serve como líder "em serviço" na Escola Dominical da Ala Bountiful I, Estaca Bountiful.

ESTUDAR AS ESCRITURAS

Dar e Receber

por Robert J. Matthews

Com a aproximação do Natal, muita gente começa a pensar em dar e receber. Exatamente onde e quando se iniciou o costume de presentear no Natal não se sabe com certeza. Talvez tudo tenha partido dos sábios do oriente que vieram adorar o menino Jesus: "...e, abrindo os seus tesouros, lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra." (Mat. 2:11) Ou, quem sabe, começasse por ser o próprio Jesus uma dádiva de Deus para a humanidade, e porque deu sua própria vida pela redenção do homem.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16)

"Eu sou o bom Pastor: o bom Pastor dá a vida pelas ovelhas... Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou... Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos." (João 10:11, 18; 15:13)

E Paulo diz: "... vivo... na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim." (Gál. 2:20)

Seja qual for a fonte do costume, muita gente hoje troca presentes de Natal.

As Escrituras têm algo a dizer-nos a respeito de dar e receber. Uma das passagens mais conhecidas vem-nos das instruções de Paulo aos élderes de Éfeso. Dizia ele: "...é necessário ... recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber." (Atos 20:35) Temos uma dívida especial para com Paulo, por ternos preservado este pronunciamento do Mestre, pois em nenhum outro lugar de nossas atuais Escrituras contendo as palavras de Jesus, encontramos a mesma frase, embora tenhamos muitas outras passagens sobre o mesmo assunto.

Jesus ensinou aos discípulos que nosso Pai Celestial é bom e está interessado no bem-estar de todos os seus filhos, de maneira muito paternal. Dizia ele:

"...qual dentre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?

"E, pedindo-lhe peixe, lhe dará uma serpente?

"Se, vós pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará bens aos que lhos pedirem?" (Mat. 7:9-11)

Sendo nosso Pai tão generoso no dar, Jesus explicou que nós também devemos ser caridosos e prestativos uns com os outros — não somente com os amigos, mas com todos os que precisam de ajuda. O Pai deu o exemplo, pois "faz que o sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos." (Mat. 5:45) Por isso, os homens também devem dar boas coisas àqueles que não são seus amigos, "para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus..."

"Pois, se amardes [somente] os que vos amam, que galardão havereis? não fazem os publicamos também o mesmo?

"E se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? não fazem os publicamos também assim?" (Mat. 5:45-47)

Pois como ensinou Jacó: "Prezai vossos irmãos como a vós mesmos: sede amáveis para com todos e liberais com vossos bens..." (Jacó 2:17)

Porém, é preciso dar de boa vontade, e não resmungando ou parcamente. "Pois eis que, se um homem mau oferece uma dádiva, fá-lo de má vontade; portanto, será considerado como se não tivesse feito a dádiva..." (Morôni 7:8)

"Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria." (II Cor. 9:7)

Em meio ao júbilo e festejos por terem sido libertados da opressão de seus inimigos, os antigos judeus foram instruídos a "mandarem presentes uns aos outros, e dádivas aos pobres." (Ester 9:22)

Mas, entre as muitas dádivas vindas de nosso Pai Celestial, a maior de todas é seu Filho, e "toda boa dádiva vem de Cristo". (Morôni 10:18) Paulo o expressou assim:

"O dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor." (Rom. 6:23)

"Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo." (Efes. 4:7)

"Graças a Deus pois pelo seu dom inefável." (II Cor. 9:15)

E o Senhor nos disse ainda mais, através do Profeta Joseph Smith:

"Se fizeres o bem, sim, e te conservares fiel até o fim, serás salvo no reino de Deus, que é o maior de todos os dons de Deus; pois não há dom maior do que o da salvação." (D&C 6:13)

Embora esta seja a maior de todas as dádivas de Deus, ela não poderá ser totalmente recebida durante a vida mortal. Mas o Senhor tem uma dádiva que pode ser recebida na carne. É o dom do Espírito Santo, a maior dádiva que o homem pode receber em vida. Néfi diz que o Espírito Santo "é o dom concedido por Deus a todos os que o procuram... Pois aquele que procurar, diligentemente, achará; e os mistérios de Deus lhe serão mostrados pelo poder do Espírito Santo." (I Néfi 10:17, 19)

Na grande restauração de todas as coisas, os homens terão de volta aquilo que eles deram. O Pregador di-lo assim: "Lança o teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás." (Ecles. 11:1) Alma explicou-o desta maneira:

"...o verdadeiro significado da palavra restauração é reconstituir o mau em mau, ou o carnal em carnal, ou o diabólico em diabólico — o bom para o bom, o reto para o que for reto, a justiça para o justo e a misericórdia para o misericordioso...

"Pois tudo quanto de ti sair a ti novamente retornará. Por conseguinte, a palavra restauração condena o pecador mais plenamente e, em absoluto, não o justifica." (Alma 41:13, 15)

Embora o sol e a chuva sejam dados indistintamente aos filhos bons e maus, as maiores dádivas ou dons, e bênçãos de Deus são retidas por ele até que o homem demonstre sua fé e se arrependa dos pecados — isto é, até que esteja pronto e preparado para essas coisas. (Ver Éter 12:6-22) E aqueles que rejeitaram o dom maior depois de vir a conhecê-lo plenamente nesta vida, não serão capazes de usufruir suas bênçãos na eternidade. A respeito deles, está escrito:

"...[eles] regressarão ao seu próprio lugar, para gozar daquilo que estiverem prontos a receber, porque não se mostraram inclinados a gozar daquilo que poderiam ter recebido.

"Pois se um dom é conferido a um homem, de que proveito é se ele não o aceita? Eis que ele não se regozija pelo que lhe foi dado, nem exulta naquele que lhe deu a dádiva." (D&C 88:32-33)

Ademais, temos que estar dispostos a aceitar castigo e correção de Deus, assim como aceitamos suas bênçãos agradáveis. Castigo é uma bênção disfarçada. Disse Jó, depois de haver sofrido diversos "reveses" na vida: "Receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal?" (Jó 2:10) Neste sentido, "mal" não quer dizer mal moral, mas antes provações e circunstâncias difíceis. O Pai Celestial nos põe freqüentemente à prova e nos experimenta, a fim de nos proporcionar experiência e punir-nos por nossos erros. Em Hebreus, lemos:

"Filho meu, não desprezes a correção do Senhor, e não desmaies quando por ele fores repreendido;

"Porque o Senhor corrige o que ama... para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade.

"E, na verdade, toda a correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela." (Hebr. 12:5, 6, 10, 11)

Citamos o que as Escrituras dizem a respeito das dádivas concedidas por Deus ao homem, e as preparações que o homem deve fazer para recebê-las. Além disso, deve receber de boa vontade tudo o que o Senhor tem a dar, ainda que no momento não seja agradável. Citamos também que o homem deve dar boas coisas aos outros. Mas deve dar então apenas ao homem, e nada ao Senhor? O que quer o Senhor que os homens lhe dêem? Aos santos dos últimos dias, ele diz: "Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente." (D&C 64:34) E aos nefitas, disse:

"E vós não me oferecereis mais derramamento de sangue; sim, vossos sacrifícios e holocaustos concluíram-se... E me oferecereis como sacrifício um coração quebrantado e um espírito contrito..." (III Néfi 9:19-20)

Paulo entendia tudo isso muito bem, e o resumiu perfeitamente, comparando-o a um sacrifício de animal morto:

"Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional." (Rom. 12:1)

Observação: A seguir, mais outras referências sobre dar e receber: João 4:10; I Pedro 4:10; Filip 4:15; Tiago 1:17; Mcrôni 10:8,17,30; D&C 46:7.

O Dr. Mathews é Professor Assistente de Escrituras Antigas, na Universidade Bhigham Young.

IRMÃO JOSEPH

por Carl Arrington



Joseph Smith era dotado do encanto magnético que inspira lealdade e entusiasmo nos homens. Era amado pela maioria das pessoas, algumas o odiavam, mas poucos dos que o encontravam deixavam de sentir-se tocados pelo profeta camponês. Era forte e sensível — capaz de virtudes celestiais e sujeito às mesmas tentações mortais de seus inimigos.

O Irmão Joseph foi homem de ministério sem paralelo, que começou com uma prece despretensiosa oferecida num bosque do interior, incluiu severas perseguições, traduções inspiradas, curas, aprisionamento, e terminou com uma rajada de tiros na cadeia de Carthage, em 1844.

Enquanto os ensinamentos evangélicos de Joseph Smith são largamente conhecidos e estudados, pouco se conhece, comparativamente, sobre suas qualidades pessoais. Ele era de que tipo de compleição física? Quais as suas recreações prediletas? Que tipo de amigo e vizinho era ele?

Embora existam uns poucos retratos autênticos dele, algumas descrições fidedignas nos ajudam a imaginar como era o Profeta. Parley P. Pratt, que foi íntimo dele durante a vida inteira, esteve com ele no meio de turbas furiosas e na quietude do lar, fornece-nos uma vívida descrição pessoal:

"O Presidente Joseph Smith era pessoa alta e bem feita, forte e ativa; tez clara, cabelos loiros, olhos azuis, muito pouca barba e uma expressão toda peculiar... Sua fisionomia era sempre meiga, afável, irradiando inteligência e bondade; mesclada com um olhar de interesse e sorriso inconsciente, ou jovial, e inteiramente isenta de qualquer reserva ou afetada gravidade; e havia algo relacionado com seu olhar sereno e firmemente penetrante, como se quisesse devassar as profundezas abissais do coração humano..." (**Autobiography of Parley P. Pratt** [Deseret Book Co., 1961] p. 45). Pelos relatos daqueles que o conheceram, torna-se óbvio que Joseph era homem possuidor de natural capacidade de liderança. Era franco, gregário e inspirador. Seu caráter é descrito também numa dissertação não publicada de Garland Tickemyer:

"Ele era impulsivo, corajoso, autoconfiante e deliberadamente dramático. Raramente hesitava em correr riscos, e sua intuição permitia-lhe sentir e perceber novas e inusitadas possibilidades que nem os sentidos nem a razão lhe teriam revelado normalmente. Seu desprezo pela ordem existente e propensão inata de modificar e inovar, introduziam com freqüência elementos de novidade que desviavam a atenção de seus seguidores de seus próprios problemas, para as maravilhas do grande empreendimento em que estavam enga-

jados. Era um homem ardente e jamais permitia que algo obstasse a realização de seus propósitos."

Como freqüentemente nos demoramos nos aspectos importantes e grandes da vida de Joseph Smith, às vezes tendemos a esquecer sua maneira bondosa e compassiva de lidar com o povo. Olhar para Joseph através da imagem refletida de outros, fornece importantes vislumbres de sua vida. Seus papéis pessoais incluem diários, cartas e documentos, fornecendo uma nova apreciação do Profeta em termos humanos. As reminiscências de seus companheiros dão-nos uma visão íntima do grande líder — elas revelam os anseios de seu coração e as efusões da sua alma.

Os papéis de Joseph Smith existentes nos Arquivos da Igreja fornecem evidência da sua sincera religiosidade, seu amor à família, seu afeto pelas pessoas, jovens e velhos, seu gosto por jogos esportivos, seu prazer de viver, sua fome de conhecimento e sua disposição de sacrificar-se em prol dos amigos.

Conforme Richard Bushman salienta num tratado sobre o Profeta, o diário de Joseph Smith fornece evidência de sua religiosidade em busca sincera de elevação pessoal. Seus sermões são proféticos e teológicos, contudo ele buscava também salvação para si mesmo. Revela a verdade, exorta e administra, mas também ora pedindo perdão, paz de espírito e ajuda para superar as fraquezas. Estas anotações feitas em seu diário, nos princípios da década de 1830, mostram-lhe a atitude piedosa: "Conceda Deus que eu seja guiado em todos os meus pensamentos." ou "O Senhor abençoe minha família e a preserve." Algumas denotam bastante urgência: "Ó Senhor, livra teu servo das tentações e enche seu coração com sabedoria e entendimento." "Uma congregação numerosa mostrou-se bastante atenta. Ó Deus, sela nosso testemunho ao coração deles, Amém," "Ó Deus, estabelece tua palavra entre este povo."

Usualmente, Joseph era seguro de si, brilhante e vigoroso, mas também tinha momentos de ansiedade. Por exemplo: "Esta noite minha mente está calma e serena, pelo que te agradeço, Senhor." E novamente: "Esta noite sinto-me mentalmente melhor que nos últimos dias. Ó Senhor, livra teu servo de tentações." Mais outra: "Sinto-me muito bem mentalmente. O Senhor está conosco, mas estou ansioso quanto à minha família."

Os documentos pessoais entre os papéis de Joseph Smith mostram claramente como ele amava a família. No seu diário, seguidamente menciona sua preocupação com eles, e suas cartas estão repletas de perguntas sobre o bem-estar dos filhos. "Não deixe que os pequenos me esqueçam," escrevia um tanto melancolicamente, após cinco meses de prisão. "Diga-lhes que papai os ama com perfeito amor e que está fazendo tudo o que pode para livrar-se do populacho e voltar para junto deles."

-Essas criancinhas são objeto de minha contínua meditação," escrevia Joseph em outra carta, não conseguindo abster-se de aconselhar a esposa quanto ao melhor método de lidar com as crianças. "Ensine-lhes tudo o que puder, para que tenham bom intelecto. Seja gentil e bondosa com eles. Não se irrite com eles e ouça o que desejam." Numa das cartas, é óbvio que está considerando um por um, enquanto fica na prisão: "Diga ao pequeno Joseph que ele tem que ser um bom menino. Papai o ama com perfeito amor. Ele é o mais velho [e] não deve maltratar os menores, mas confortá-los. Diga ao pequeno Frederick que papai o ama de todo coração. Ele é um ótimo garoto. Julia é uma menininha encantadora. Amo-a também. Ela é uma criança que promete. Diga-lhe que papai quer que ela se lembre dele e seja uma boa menina." Quanto à esposa: "Ó, minha querida Emma, quero que se lembre de que sou um verdadeiro e fiel amigo seu e das crianças para sempre. Meu coração está preso a vocês para todo o sempre. Que Deus os abençoe a todos."

Um dos primeiros conversos foi a Kirtland, para encontrar-se pela primeira vez com o Profeta, e descreveu o carinho natural de Joseph para com as crianças:

"Em Kirtland, quando chegavam os carroções lotados de adultos e crianças do interior para as reuniões, Joseph costumava ir até o maior número de carros possível e cumprimentar cordialmente cada pessoa. Toda criança e bebê no grupo era especialmente notado por ele e tomado pela mão, com palavras bondosas e bênçãos. Ele amava a inocência e pureza, e parecia encontrá-las em maior perfeição nas crianças balbuciantes." (**Juvenile Instructor,** vol. 27 [1892] p. 24)

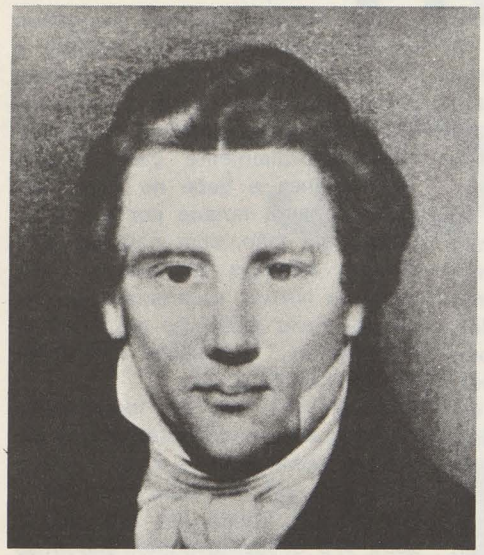
Outra irmã fala da "compassiva simpatia e bondade fraternal que ele sempre demonstrou a mim e minha filha sem pai. Andando com ele e sua esposa Emma em sua carruagem, vi-o descer e colher flores do campo para minha filhinha." (**Juvenile Instructor,** vol. 27 [1892], p. 399)

Outro ainda escreveu, falando do tempo em que freqüentava a escola em Nauvoo, em 1843: "Passando pela casa do Profeta uma manhã, ele me chamou e perguntou qual o livro que estávamos lendo na escola. Respondi: 'O Livro de Mórmon'. Ele pareceu gostar e levando-me para dentro de casa, deu-me um Livro de Mórmon para eu ler na escola, um presente que muito me alegrou." (**Juvenile Instructor,** vol. 27 [1892], p. 24)

Outra garota estava assistindo a uma reunião domiciliar: "Eu, uma menininha, estando cansada e com sono, meu pai me tomou nos braços para descansar. O Irmão Joseph parou de falar, abaixou-se e pôs meus pés sobre os joelhos dele; e quando procurei tirá-los, disse: 'Não, deixe-me segurá-los; assim você descansará melhor.'" (**Young Woman's Journal,** vol. 16 [1905], p. 558)

Margarette McIntire Burgess escreveu: "Certa manhã, quando ele passou lá por casa, encontrava-me com a garganta muito inflamada. Estava muito inchada e doía bastante."

Irmão Joseph









Conta que ele a tomou no colo, ungiu-a gentilmente com óleo consagrado, administrou-a e ela foi curada.

"Outra vez, meu irmão maior e eu estávamos indo para a escola, perto do edifício conhecido como depósito de tijolos de Joseph. No dia anterior, estivera chovendo e o chão estava muito barrento, principalmente ao longo da rua. Meu irmão Wallace e eu ficamos ambos atolados no barro; como não conseguíssemos sair, naturalmente como crianças, começamos a chorar, pois achávamos que iríamos ficar ali. Mas levantando os olhos, vi o amoroso amigo das crianças, o Profeta Joseph, vindo em nossa direção. Ele logo nos colocou em lugar mais alto e enxuto. Depois, abaixou-se e limpou o barro de nossos sapatos sujos, tirou o lenço do bolso e enxugou nossas faces molhadas de lágrimas. Disse-nos palavras bondosas e animadoras, e mandou-nos seguir para a escola, radiantes." (**Juvenile Instructor,** vol. 27 [1892], pp. 66-67)

O interesse e preocupação de Joseph com o bem-estar dos outros era sentido por quase todos. Ele gostava de luta romana, mesmo quando já adulto; freqüentemente praticava pegar bolas, "puxar bastão"* e participava de outras provas semelhantes com os jovens. Circulava livremente, muitas vezes fazendo gracejos para divertir os companheiros, e "colocava-se no mesmo plano social com o mais humilde e pobre de seus amigos; para ele, não havia estranhos." Assim como outros oficiais da Igreja, freqüentemente fazia serviços braçais. Nos seus diários, há repetidas referências a trabalhos como abrir fossos, carregar a bagagem de passageiros até a Mansion House, colher maçãs, arar a horta, arrancar batatas e partir lenha.

Com respeito a seu interesse por meninos e moços, eis as recordações de um deles: "Aqui [em Nauvoo] vim a conhecer pessoalmente o Profeta Joseph, quando rapaz. O Profeta gostava de crianças e costumava sair da Mansion House para jogar bola conosco. Ele sempre respeitava as

regras. Ficava pegando a bola até chegar sua vez de agarrar o bastão; aí, sendo homem muito forte, mandava a bola tão longe, que costumávamos gritar para o garoto que ia buscá-la que não esquecesse de levar o jantar. Isto fazia o Profeta rir. Joseph estava sempre bem-humorado e cheio de graças. Vi-o sentar-se no tapete do seu escritório, na Mansion House, e puxar bastão com a polícia de Nauvoo." (Aroet Hale, **Autobiography,** pp. 23-24)

Edwin Holden, que viu Joseph Smith pela primeira vez em Nova York, em 1831, diz: "Em 1838, Joseph e alguns outros moços estavam jogando diversas modalidades esportivas, entre eles um jogo de bola. Aos poucos, eles foram-se aborrecendo. Percebendo isso, ele os chamou e disse: "Vamos construir uma cabana de troncos'. E lá se foram, Joseph e os rapazes, construir uma cabana de troncos para uma viúva. Assim era Joseph, sempre ajudando no que pudesse." (**Juvenile Instructor,** vol. 27 [1892], p. 153)

Outro incidente, mostrando sua grande simpatia pelo jovem primo, é relatado por John L. Smith. Era junho de 1844, pouco tempo antes do martírio do Profeta. John L. Smith e mais setenta e cinco soldados da Legião de Nauvoo tinham sido chamados a Nauvoo pelo Profeta. John L. e seus camaradas estavam vivendo então em Macedônia, a uns poucos quilômetros da cidade. Havia chovido, e as estradas estavam péssimas. Todos os homens, menos oito, estavam a pé; em alguns pontos, a água chegava-lhes pela cintura.

"Chegamos a Nauvoo ao amanhecer," diz o narrador, "e acampamos em frente da grande casa de material de Foster, perto do templo. Nossos equipamentos ficaram na rua ao lado... Enquanto eu estava guardando a bagagem, o Profeta Joseph chegou a cavalo, estendeu-me a mão e perguntou por meus tios. Segurando minha mão, ele puxou-me para a frente, até me obrigar a subir no tronco. Depois, fazendo o cavalo dar meia volta, foi-me puxando passo a passo até quase o fim do tronco, quando, vendo as marcas de sangue deixadas a cada passo, perguntou o que acontecera com meus pés. Respondi que o capim cortara a sola dos sapatos e ferira-me os pés, mas que logo estariam bons. Notei que a mão que levou ao rosto estava molhada e, olhando para cima, vi suas faces cobertas de lágrimas. Pôs a mão sobre minha cabeça e disse: "Deus te abençoe, meu rapaz', e perguntou se os outros da companhia estavam nas mesmas condições. Repliquei que alguns estavam. Voltando-se para o Sr. Lathrup, quando este chegou à porta da loja, o Profeta disse: "Veja uns sapatos para estes homens.' Ao que o Sr. Lathrup respondeu: 'Não tenho sapatos.' Joseph replicou rápido: 'Então dê-lhes botas.

"Aí, voltando-se para mim, Joseph falou: 'Johnnie, as tropas serão dispensadas e mandadas para casa. Eu irei para Carthage, a fim de ser julgado, sob a proteção do governador.' Depois, inclinando-se para mim com uma das mãos sobre minha cabeça, disse: 'Não temas, pois ainda verás Israel triunfar em paz.' " (Edwin F. Parry, **Stories about Joseph Smith** [Deseret News Press: 1934], pp. 126-128)

"Uma noite, no verão de 1837, Joseph e eu chegamos de carruagem na cidadezinha de Painesville, Ohio, parando em casa de um amigo para jantar. Mal havíamos terminado a refeição, ouvimos barulho lá fora. O populacho havia-se reunido, ouvindo-se gritos zangados e ameaças de morte. Exigiam que nosso anfitrião nos entregasse a eles. Em vez disso, ele nos fez sair pela porta dos fundos e ajudou-nos a escapar na escuridão. Assim que o populacho descobriu que tínhamos escapado, mandaram cavaleiros percorrer a estrada que julgavam íamos seguir. Fizeram fogueiras, colocaram sentinelas e nos caçaram por toda a região.

"Entretanto, Joseph e eu não seguimos pela estrada, mas caminhamos por matas e pântanos, afastando-nos dela. As fogueiras nos ajudaram. Não demorou muito, eu comecei a baquear. Mal-estar e medo me roubavam as forças. Joseph teve que decidir entre deixar-me ali para ser capturado pelo populacho ou arriscar-se também, ajudando-me. Escolhendo esta alternativa, colocou-me sobre seus ombros fortes e carregou-me através do pântano e trevas, descansando ocasionalmente. Horas mais tarde, saímos numa estrada deserta e logo estávamos em segurança. A força hercúlea de Joseph permitiu-lhe realizar esta tarefa, salvando minha vida." **(Ibid)**

O Irmão Parley Pratt esteve com Joseph durante um prolongado confinamento, e viu sua espiritualidade humana, sensível. Viu o Profeta na privação e separado da família, e mais tarde como líder valente, ambicioso. Ele nos dá este sumário gráfico da personalidade de Joseph:

"Ele possuía um caráter de nobre valentia e independência; suas maneiras eram simples e familiares; sua reprimenda terrível como o leão; sua benevolência ilimitada como o oceano; sua inteligência universal e uma linguagem abundante e eloqüência natural e peculiar — não polida — não estudada — não suavizada e abrandada pela educação e refinada pela arte; mas fluindo livremente em sua simplicidade inata e muitíssimo abundante em variedade de assunto e estilo." (**Autobiography of Parley P. Pratt,** pp. 45-46)

Joseph era um homem beneficiado pela auto-confiança, mas que mantinha o equilíbrio por meio de preocupada humildade. Era um pensador e lingüista brilhante, mas tinha pouca instrução formal e era fraco em ortografia. Profundamente espiritual, evitava porém a impressão de solene piedade. Era um tipo incomum de líder religioso, que combinava suas vivências pioneiras com um chamado divino, para dar um alicerce sólido a uma nova dispensação religiosa.

*** Prova em que dois competidores sentados no chão frente a frente, com as pernas esticadas e pés apoiados nos do oponente, puxavam com ambas as mãos um bastão o primeiro a conseguir tirar o outro da posição sentada era o vencedor, N. do T.**

PERGUNTAS E RESPOSTAS



Qual a melhor maneira de ensinar aos meus filhos o respeito pelos outros, inclusive aos que tenham autoridade sobre eles?

Darnell Zollinger, instrutora de desenvolvimento infantil, Universidade de Brigham Young: A chave para ensinar nossos filhos a respeitarem os outros é reconhecer que tal respeito, na verdade, nasce do respeito próprio. Temos que ensiná-los pelo exemplo, mostrando-lhes que os respeitamos, tanto na qualidade de filhos como na de irmãos eternos.

Permita-me sugerir alguns meios específicos de praticarmos o princípio do respeito.

1. Dar atenção às crianças. Quando uma criança a procura para contar-lhe alguma coisa, ouça-a com atenção. Se tiver que sair antes de a criança haver terminado, não vá embora simplesmente. Explique que agora tem que sair e peça-lhe que conte o resto mais tarde. Faça-a saber que você respeita o que ela tem a dizer.

2. Mostrar confiança na sua habilidade e dar-lhe responsabilidades reais. Desde que deu uma responsabilidade a seu filho, deixe que a cumpra, mesmo que demore um pouco mais, ou não saia tão perfeito como você gostaria. Se pediu à filha que preparasse o jantar e ela deixou queimar o arroz, dê-lhe tempo para corrigir o erro; não intervenha correndo, solapando sua confiança na própria capacidade.

3. Pedir conselho e opinião aos filhos. Isto os fará sentir que o que pensam é importante. Quando pedir um conselho — sobre o caminho mais rápido para casa, sobre o que plantar no jardim, ou sobre o que fazer para o jantar — siga o conselho.

4. Explicar-lhes suas regras e padrões de conduta. Faça a criança entender o princípio da causá e efeito em sua vida. Ela precisa conhecer seus limites, a fim de poder crescer exercendo seu arbítrio dentro dos limites estabelecidos por você e outros. Geralmente quando os pais se dão ao trabalho de explicar as regras, a criança se sentirá melhor na hora de "obedecer cegamente".

5. Admitir seus erros. É tolice pensar que, se você admitir seus erros, as crianças não a respeitarão. O oposto é bem mais comum.

6. Demonstrar respeito pela autoridade. Não critique aqueles em posição de liderança. Se seus filhos chegarem em casa queixando-se do bispo ou da professora da Escola Dominical, procure uma forma lógica de responder às críticas, sem diminuir nem a criança, nem o bispo ou a professora.

Estes são apenas alguns dos meios para desenvolver o auto-respeito de seu filho, mas são um bom princípio. Quando a criança sabe que é amada e respeitada, ela estará bem mais propensa a retribuir esse amor e respeito.



Alguma vez chegou a ser dedicado um terreno para o templo, em Adam-ondi-Ahman?

(D&C 78:15) **Dr. Leland Gentry, especialista de curriculos do Departamento de Seminários e Institutos:** Adam-ondi-Ahman tem sido identifi-

Continuação na página 27



Os Três Presentes

por Ellen Earnhardt Morrison

Quando Jesus nasceu em Belém, seus primeiros visitantes foram os anjos e os pastores. Mais tarde, porém, chegaram os Magos depois de haverem seguido a sua estrela desde muito longe. A Bíblia conta que eles lhe trouxeram três presentes: ouro, incenso e mirra.

Todo mundo sabe o que é ouro. Todos nós já vimos o brilho amarelado deste precioso metal, usado em muitas partes do mundo para fazer moedas, jóias e outros objetos de valor.

Mas, quanto ao **incenso** e **mirra**? O que tem de tão precioso?

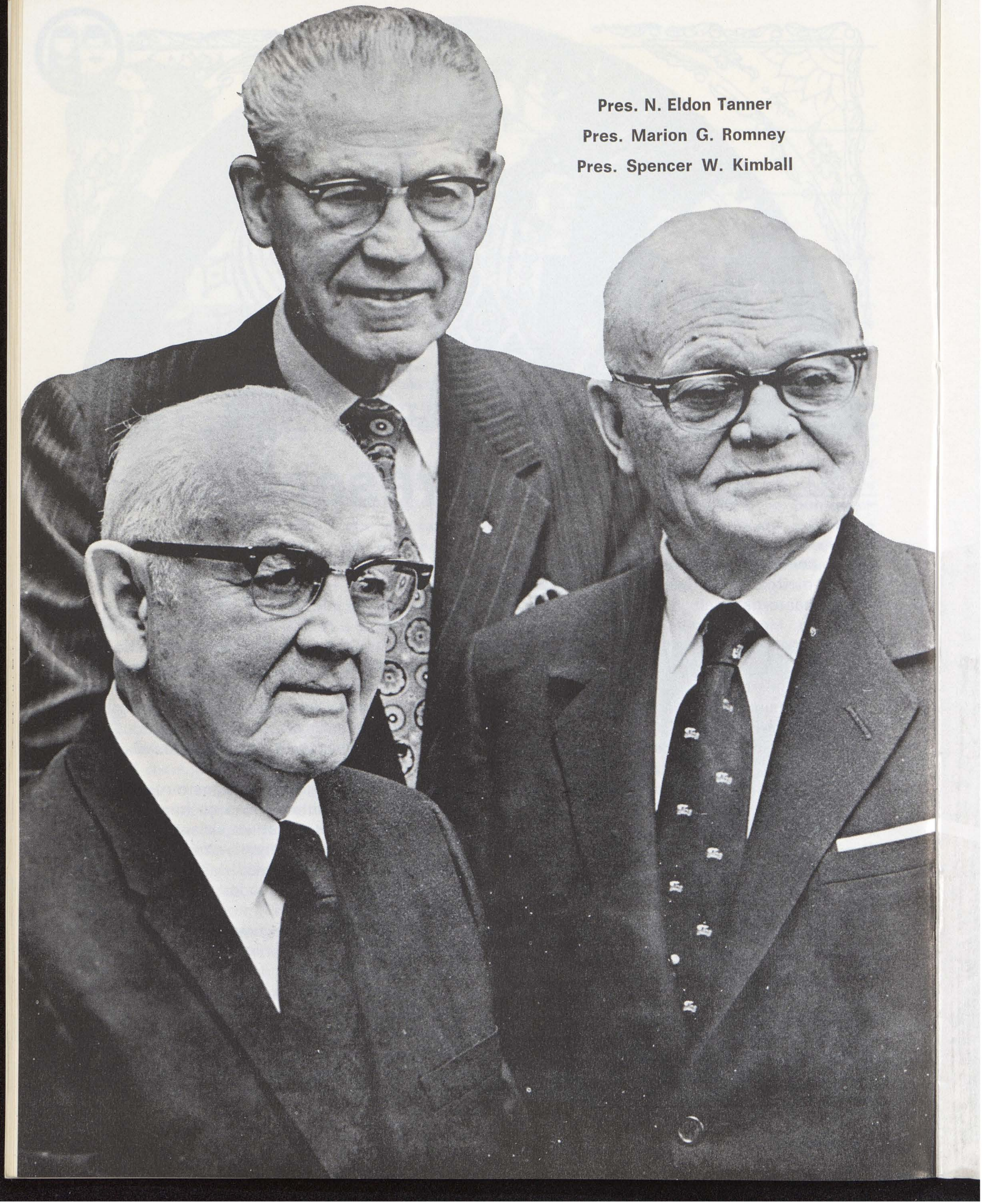
São duas substâncias parecidas uma com a outra e muito faladas na Bíblia. Ambas são produzidas por árvores e eram muito usadas para incensar, embalsamar e na produção de óleos para ungir.

O **incenso** é uma resina aromática de três grandes árvores, e continua sendo produzido na parte sul da Arábia, Somália, Abissínia, Índia e Índias Orientais. A resina se obtém pelo sangramento da árvore. O produto, vendido em forma de "lágrimas" (gotas solidificadas), é de grande importância para a elaboração do incenso propriamente dito. É provável que os hebreus dos templos bíblicos conseguissem o incenso por meio de trocas comerciais; conseqüentemente, era de grande valor para eles.

A **mirra,** que vem da África oriental e sul da Arábia, é a resina de uma espécie diferente de árvore — uma planta baixa, espinhosa, raquítica. Porém, sua madeira e casca são aromáticas, e a resina exsuda naturalmente. Era largamente usada nos tempos bíblicos como remédio e elemento purificador. Este produto provavelmente chegava à Terra Santa também por meio de trocas.

Os antigos egípcios, gregos e romanos conheciam a fragrante mirra e queimavam-na em seus templos. Os povos do Oriente ainda hoje apreciam-na como incenso, remédio e perfume. A resina, vendida às indústrias em "lágrimas" amareladas ou avermelhadas, é usada para dar ao incenso e perfumes um odor forte e pesado.

Os Magos fizeram uma longa viagem desde o Oriente para visitar o Menino Jesus, e não queriam aparecer de mãos vazias. Assim, que presentes mais apropriados poderiam escolher do que o ouro, um metal precioso, e incenso e mirra, duas substâncias aromáticas muito apreciadas como produtos de comércio, além de bastante raras e preciosas na Terra Santa?



Pres. N. Eldon Tanner

Pres. Marion G. Romney

Pres. Spencer W. Kimball

Mensagem de Natal Para as Crianças da Igreja do Mundo Inteiro,

DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA



Logo estará de volta o Natal — Natal, essa alegre época do ano em que todo mundo pensa em dar e receber presentes.

Quando seus olhos brilharem de excitação nesses dias de festa e cantarem as belas músicas de Natal, lembrem-se da linda história do Menino Jesus que nasceu numa humilde manjedoura de Belém, enquanto os pastores guardavam seus rebanhos, à noite, nas planícies da Judéia. Este foi o presente de Deus para o mundo.

Quando o Anjo Gabriel apareceu à jovem Maria em Nazaré, disse-lhe que ela havia sido escolhida para ser a mãe do Filho de Deus e que devia dar-lhe o nome de Jesus, um nome especial que significa **Salvador.**

No transcorrer dos tempos, Jesus tem sido conhecido por vários outros nomes que falam da sua grandeza e suas obras, como Cristo, Santo, Redentor, Emanuel, Filho de Deus, Onipotente, Mestre, Messias e, naturalmente, Salvador.

Nesta época, comemoramos o nascimento maravilhoso do Menino Jesus. Ao imaginarem presentes para este Natal, esperamos que pensem no significado desses nomes dados a Jesus por aqueles que o conheceram e amaram. Então se lembrarão das bênçãos desse dia de festa especial.

Jerusalém, onde Jesus morreu por nós, fica a uns poucos quilômetros de Belém, lugar de seu nascimento. Isto também faz parte da história do Natal.

Jesus não deu apenas sua vida por nossa causa, mas também o seu Evangelho. O Evangelho foi uma dádiva gratuita ao mundo. Mas, exatamente como um presente, de pouco serve se for posto numa prateleira e jamais usado, assim também o Evangelho não pode trazer grande felicidade, a não ser que entendamos sua mensagem de esperança e vivamos seus ensinamentos da melhor forma possível.

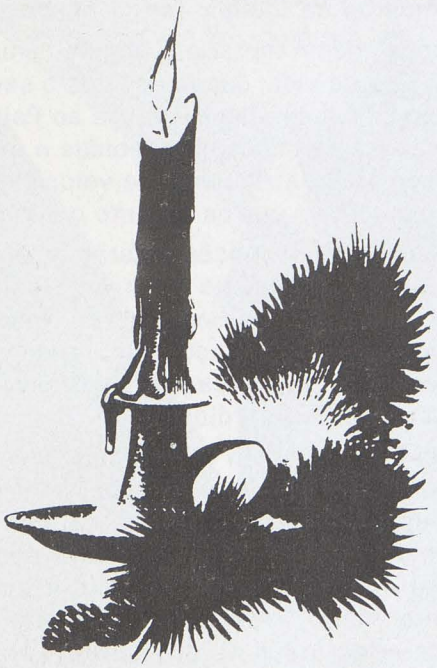
Vocês podem tornar o Evangelho uma parte maravilhosa da vida, dando ouvidos a seus pais e obedecendo-lhes, dando graças ao Pai Celestial por todas as bênçãos recebidas e mostrando-lhe seu afeto, atribuindo-lhe valor e compartilhando-o com os outros durante o ano inteiro.

Assim fazendo, vocês estarão dando igualmente o maior presente possível — dar a si mesmos. Então, o doce espírito do Natal luzirá e crescerá em seus corações, muito depois que os novos e emocionantes jogos e presentes estiverem gastos ou perdidos.

Não importa quem são ou onde vivem, nós lhes damos nossa bênção neste Natal e sempre. Cada um de vocês é importante para nós, e sabemos que são preciosos para nosso Pai Celestial e seu Filho Amado, cujo nascimento naquele primeiro Natal, há muito, muito tempo, foi o maior de todos os presentes.



A VELA DE NATAL



Faltam só dois dias para o Natal, comentou Harry, enquanto catava restos de sebo no chão.

— E provavelmente será bem triste e escuro, — respondeu William, o fabricante de velas.

Harry era aprendiz do fabricante de velas. Os negócios andavam ruins. Como pouca gente viera comprar velas, eles não tinham dinheiro para comprar sebo. Por isso estavam fazendo apenas uma meia dúzia de velas por dia.

— Só para não perder a prática e ensinar a você, — dissera William.

Harry olhou para William. Ele era tão bondoso, que Harry gostaria de achar uma forma de ajudá-lo. Não tinha com que comprar velas, e era disso que William mais precisava, naturalmente.

Também não posso comprar-lhe um presente, pensou Harry. Meu pai nem consegue pagar minha aprendizagem. Se quero dar-lhe um presente, precisa ser algo que eu mesmo fiz.

Harry continuou pensando, enquanto catava sebo do chão. Podia pegá-lo catado do chão e fazer uma vela. Bem verdade que William tinha velas, mas esta seria maior e melhor do que as que estavam na loja. Mas, de repente, lembrou-se de uma coisa. William sempre usava aqueles restos para fazer velas para uso próprio. Harry teria que pensar em outra coisa.

Quando foi deitar-se naquela noite, o menino tentou pensar em outro presente, mas não tinha idéia.

No dia seguinte, não houve necessidade de fazer velas, pois não haviam vendido nenhuma no dia anterior.

— Você pode ir passar o dia em casa — disse-lhe William.

Era um dia feio e ventoso. Quando chegou em casa, Harry encontrou a mãe fazendo velas.

— Este sebo não se parece com o nosso, — comentou Harry.

— Eu não posso comprar sebo, — explicou a mãe. — Ontem fui catar bagas da árvore-da-cera. Ouvi dizer que os ricos apreciam estas velas mais que outra qualquer, por causa da cor verde e do aroma.

Então Harry teve uma idéia. Pegou uma cesta e foi depressa catar as bagas esverdeadas. Finalmente, quando encheu a cesta, voltou para casa.

Despejo as bagas no grande caldeirão preto que estava pendurado na lareira, pondo água sobre elas. Quando viu que a cera das bagas havia derretido, pegou uma concha de cabo comprido e com ela foi passando a cera que boiava em cima da água para um caldeirão pequeno. Enquanto a cera aquecia, ele preparou um pavio de cordão torcido, que foi mergulhando seguidamente na cera. Finalmente, quando a cera acabou, estava pronta a vela comprida, grossa e verde.

Já era noite quando Harry chegou à loja do fabricante de velas. Tudo estava escuro; só uma vela ardia lá nos fundos, onde William preparava seu escasso jantar. Sem dizer uma só palavra, Harry acendeu a vela e colocou-a na vitrina da loja.

— Acho que amanhã não vai ter jantar, — dizia William. — Harry, não me posso dar ao luxo de queimar minhas velas, mesmo sendo véspera de Natal. Tanta luz é muito bonito, mas não traz comida.

— Mesmo que nossa ceia seja magra e não haja jantar amanhã, o senhor pode dar-se ao luxo de queimar esta vela. Foi eu quem a fez hoje para o senhor. Não custou nada além do meu tempo. Venha vê-la; venha aqui e veja se está bem feita. Eu gostaria mesmo de dar-lhe muito mais que isto, mas não pude comprar nada. Com esta vela, vamos dizer a todo mundo que hoje é véspera do Natal.

Justamente nesse momento, bateram à porta e entrou um senhor.

— Que luz bonita, — falou. — Qualquer pessoa capaz de fazer uma vela tão linda deve ser um bom fabricante de velas. Qualquer um que pode acender uma vela assim deve ser rico. Vendo esta sua vela acesa na vitrina, fez-me lembrar o futuro casamento de minha filha. Eu havia planejado encomendar as velas fora daqui, pois desconhecia existir um fabricante tão bom em nossa cidade.

Metendo a mão no bolso, o homem tirou algum dinheiro que entregou a William.

— Aqui está um adiantamento. Na segunda-feira, dar-lhe-ei os tamanhos e quantidade exata. Vou precisar de várias centenas de velas comuns para a casa dela, que é grande. Conservá-la iluminada talvez o mantenha ocupado para sempre. Boa noite e feliz Natal.

— Feliz Natal e que Deus o abençoe, senhor, — respondeu William, quando o homem fechou a porta. Depois, voltando-se para Harry, comentou:

— Você passou o dia num trabalho de amor, e Deus abençoou você e a mim com o seu presente.

— Pois é, — disse Harry, enquanto comiam a parca ceia. — Afinal, teremos nosso jantar de Natal amanhã.

— E ficaremos muito tempo ocupados fazendo velas. Feliz Natal, Harry! — disse William.

De alguma forma, a luz da vela fez a tigela de sopa rala parecer muito maior que antes.

— Feliz Natal para o senhor também, — respondeu Harry.

NATAL PELO MUNDO AFORA

JOYEUX NOEL

Na França, as comemorações natalinas começam no dia 6 de dezembro. Ali costumam-se colocar grãos de trigo em pratos com água, para que germinem. Diz uma lenda antiga, que se os grãos germinarem depressa, no ano seguinte as safras serão boas.

As crianças francesas costumam montar um presépio pequeno, chamado **crèche,** na sala de estar.. A família se reúne e canta hinos e músicas de Natal, e depois da meia-noite, fazem uma ceia especial de ostras e salsichas. Na véspera do dia de Reis, fim dos festejos natalinos, costumam assar bolos de Reis, contendo um feijão ou figura de louça. Quem encontrar a prenda dentro do seu pedaço de bolo, é o rei ou a rainha da festa.



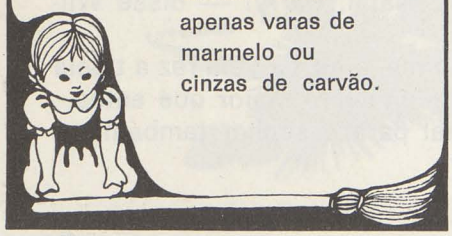
GLAEDIG JUL

Julnisse é um homenzinho que cuida dos animais domésticos e é responsável por coisas misteriosas que acontecem em casa — isto na Dinamarca. O gato da casa é o único ser capaz de enxergar o tal homenzinho que vive no sótão. Na véspera do Natal, as crianças costumam deixar canecos com leite e tigelas de mingau junto da porta do sótão. De manhã, quando se levantam, a comida desapareceu misteriosamente, e Julnisse deixou um presente para cada um.



BOUN NATALE

Befana é uma velha e bondosa bruxa que vai de casa em casa, na Itália, montada num cabo de vassoura, na véspera do dia de Reis. Costuma deixar presentes ao lado do fogão para as crianças que foram boazinhas. Para as crianças que não andaram direito, Befana deixa apenas varas de marmelo ou cinzas de carvão.



PRETTIGE KERSTDAGEN

Na Holanda, as crianças costumam encher tamancos limpinhos com cenouras e capim, que depois são colocados no peitoril da janela, para o cavalo branco de São Nicolau, que lá é chamado de **St. Nick.** Os meninos e meninas que se comportaram bem, na manhã de Natal descobrem que São Nicolau substituiu as cenouras e capim por brinquedos, presentes e outras surpresas. As crianças mal-comportadas encontram apenas varas de marmelo em seus tamancos.



L.D
TRANSLATIO

Faça Alguma Coisa Bela

Neste Natal



NAVIDAD

ıtal, é costume no México
as vigas da casa. A **piñata**
ırro decorada em forma de
ıeia de frutas, doces, nozes
rinquedos, que as crianças
ır com uma vara, enquanto
ıs. Quando finalmente uma
quebrá-la, todas se lançam
har as guloseimas, podendo
r com o que consegue. Na
de Reis, as crianças põem
a janela ou ao pé da cama.
sido boazinhas, na manhã
s sapatos estão cheios de
s deixados pelos Magos, a
ıua visita ao Menino Jesus.

'OUGHENA

antigo na Grécia, as mães
quanto as crianças observam
ı de a família se reunir
s e lendas folclóricas.
m dia muito alegre
mundo.

ACHTEN

ıtribuição natalina da
ois acesa na véspera
estejos natalinos vão
aparece São Nicolau
omportadas. Na noite
pos saem à rua para
a na ponta, enquanto
as da cidade ou vila,
típica, simbolizando
ca do Menino Jesus.

NATA

JOYEU

Na França, as comemora
dia 6 de dezembro. Ali c
trigo em pratos com ág
uma lenda antiga, que se c
no ano seguinte as safra

As crianças francesas cc
pequeno, chamado **crèche**
se reúne e canta hinos e
da meia-noite, fazem um
salsichas. Na véspera do
natalinos, costumam ass
um feijão ou figura de lo
dentro dc
de bolo,
a rainh



BOUN NATAL

Befana é uma velha e bondosa bruxa que vai de casa em casa, na Itália, montada num cabo de vassoura, na véspera do dia de Reis. Costuma deixar presentes ao lado do fogão para as crianças que foram boazinhas. Para as crianças que não andaram direito, Befana deixa apenas varas de marmelo ou cinzas de carvão.



Neste Natal dê a Quem Você Ama uma Assinatura da "A Liahona"

PREENCHA O RECIBO(S) ABAIXO E REMETA-O(S) AO "CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO" ANEXANDO Cr$ 20,00 POR ASSINATURA OU UM CHEQUE CORRESPONDENTE.

CX. POSTAL 19079 — SÃO PAULO — SP

A Liahona

DESTAQUE ESTA VIA E REMETA-A AO
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
CAIXA POSTAL 19079 - S. PAULO, BRASIL

NOME POR EXTENSO, LEGÍVEL, DATILOGRAFADO OU EM LETRA DE FORMA

ENDEREÇO COMPLETO

ALA/RAMO, ESTACA/DISTRITO/MISSÃO

AS REVISTAS SERÃO ENTREGUES PELO REPRESENTANTE ———

AS REVISTAS SERÃO ENTREGUES PELO CORREIO ———

NOME LEGÍVEL DE
QUEM VENDEU ESTA
ASSINATURA

DATA DE EMISSÃO ———

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS; PAZ NA TERRA, BOA VONTADE PARA COM OS HOMENS.

TIVESSE TODO HOMEM QUE NASCE NESTE MUNDO ESSES TRÊS GLORIOSOS IDEAIS, BUSCANDO SOMENTE O PURO, JUSTO, DIGNO, VIRTUOSO E VERDADEIRO, QUE EXTRAORDINÁRIA NÃO SERIA A CONTRIBUIÇÃO DE CADA UM PARA A PAZ UNIVERSAL NA TERRA E A FELICIDADE DA RAÇA HUMANA.

MUITO IMPORTANTE — LEIA COM ATENÇÃO

AS REMESSAS DE REVISTAS SOMENTE SERÃO FEITAS MEDIANTE ESTA VIA DO TALÃO AGUARDE ATÉ OITO SEMANAS PARA CONFIRMAÇÃO E INÍCIO DA ASSINATURA.

A Liahona

DESTAQUE ESTA VIA E REMETA-A AO
CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
CAIXA POSTAL 19079 - S. PAULO, BRASIL

NOME POR EXTENSO, LEGÍVEL, DATILOGRAFADO OU EM LETRA DE FORMA

ENDEREÇO COMPLETO

ALA/RAMO, ESTACA/DISTRITO/MISSÃO

AS REVISTAS SERÃO ENTREGUES PELO REPRESENTANTE ———

AS REVISTAS SERÃO ENTREGUES PELO CORREIO ———

NOME LEGÍVEL DE
QUEM VENDEU ESTA
ASSINATURA

DATA DE EMISSÃO ———

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS; PAZ NA TERRA, BOA VONTADE PARA COM OS HOMENS.

TIVESSE TODO HOMEM QUE NASCE NESTE MUNDO ESSES TRÊS GLORIOSOS IDEAIS, BUSCANDO SOMENTE O PURO, JUSTO, DIGNO, VIRTUOSO E VERDADEIRO, QUE EXTRAORDINÁRIA NÃO SERIA A CONTRIBUIÇÃO DE CADA UM PARA A PAZ UNIVERSAL NA TERRA E A FELICIDADE DA RAÇA HUMANA.

MUITO IMPORTANTE — LEIA COM ATENÇÃO

AS REMESSAS DE REVISTAS SOMENTE SERÃO FEITAS MEDIANTE ESTA VIA DO TALÃO AGUARDE ATÉ OITO SEMANAS PARA CONFIRMAÇÃO E INÍCIO DA ASSINATURA.

NAVIDAD

ital, é costume no México
as vigas da casa. A **piñata**
arro decorada em forma de
heia de frutas, doces, nozes
rinquedos, que as crianças
r com uma vara, enquanto
s. Quando finalmente uma
quebrá-la, todas se lançam
har as guloseimas, podendo
r com o que consegue. Na
de Reis, as crianças põem
a janela ou ao pé da cama.
sido boazinhas, na manhã
s sapatos estão cheios de
s deixados pelos Magos, a
ua visita ao Menino Jesus.

OUGHENA

antigo na Grécia, as mães
quanto as crianças observam
de a família se reunir
e lendas folclóricas.
m dia muito alegre
mundo.



ACHTEN

tribuição natalina da
ois acesa na véspera
estejos natalinos vão
aparece São Nicolau
omportadas. Na noite
pos saem à rua para
a na ponta, enquanto
as da cidade ou vila,
típica, simbolizando
ca do Menino Jesus.

NATA

JOYEU

Na França, as comemora
dia 6 de dezembro. Ali c
trigo em pratos com ág
uma lenda antiga, que se c
no ano seguinte as safra

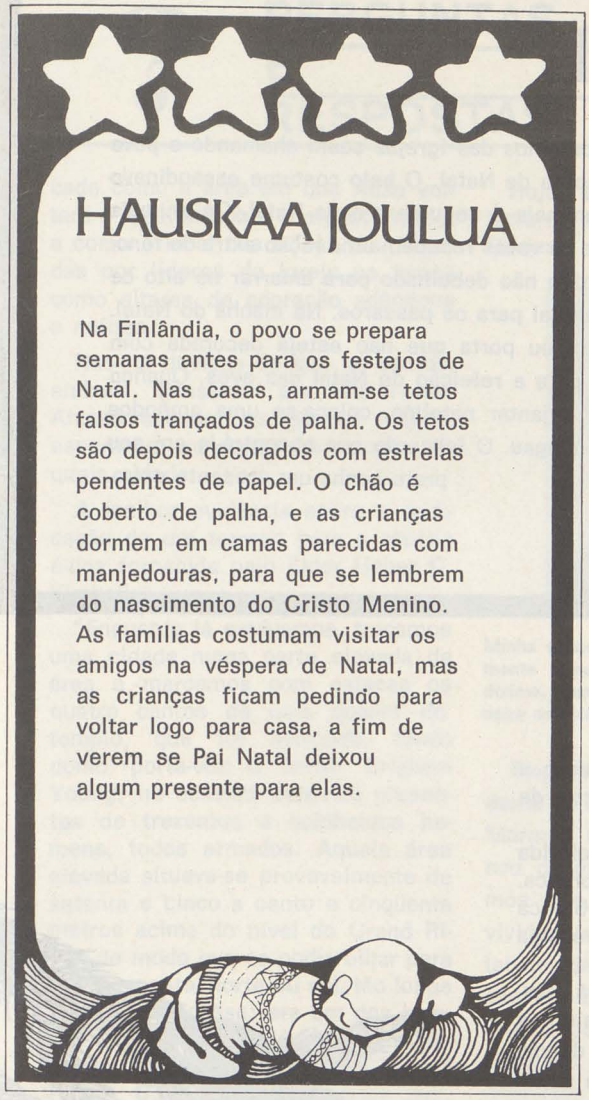
As crianças francesas co
pequeno, chamado **crèche**
se reúne e canta hinos e
da meia-noite, fazem um
salsichas. Na véspera do
natalinos, costumam ass
um feijão ou figura de lou
dentro do
de bolo,
a rainh



BOUN NATAL

Befana é uma velha e bondosa bruxa que vai de casa em casa, na Itália, montada num cabo de vassoura, na véspera do dia de Reis. Costuma deixar presentes ao lado do fogão para as crianças que foram boazinhas. Para as crianças que não andaram direito, Befana deixa apenas varas de marmelo ou cinzas de carvão.





HAUSKAA JOULUA

Na Finlândia, o povo se prepara semanas antes para os festejos de Natal. Nas casas, armam-se tetos falsos trançados de palha. Os tetos são depois decorados com estrelas pendentes de papel. O chão é coberto de palha, e as crianças dormem em camas parecidas com manjedouras, para que se lembrem do nascimento do Cristo Menino. As famílias costumam visitar os amigos na véspera de Natal, mas as crianças ficam pedindo para voltar logo para casa, a fim de verem se Pai Natal deixou algum presente para elas.



FELIZ NAVIDAD

Na época do Natal, é costume no México pendurar **piñatas** nas vigas da casa. A **piñata** é uma jarra de barro decorada em forma de rosto ou animal, cheia de frutas, doces, nozes e pequenos brinquedos, que as crianças procuram acertar com uma vara, enquanto de olhos vendados. Quando finalmente uma delas consegue quebrá-la, todas se lançam ao chão para apanhar as guloseimas, podendo cada uma ficar com o que consegue. Na véspera do dia de Reis, as crianças põem seus sapatos na janela ou ao pé da cama. Se tiverem sido boazinhas, na manhã seguinte os sapatos estão cheios de presentes deixados pelos Magos, a caminho de sua visita ao Menino Jesus.

KALA HRYSTOUGHENA

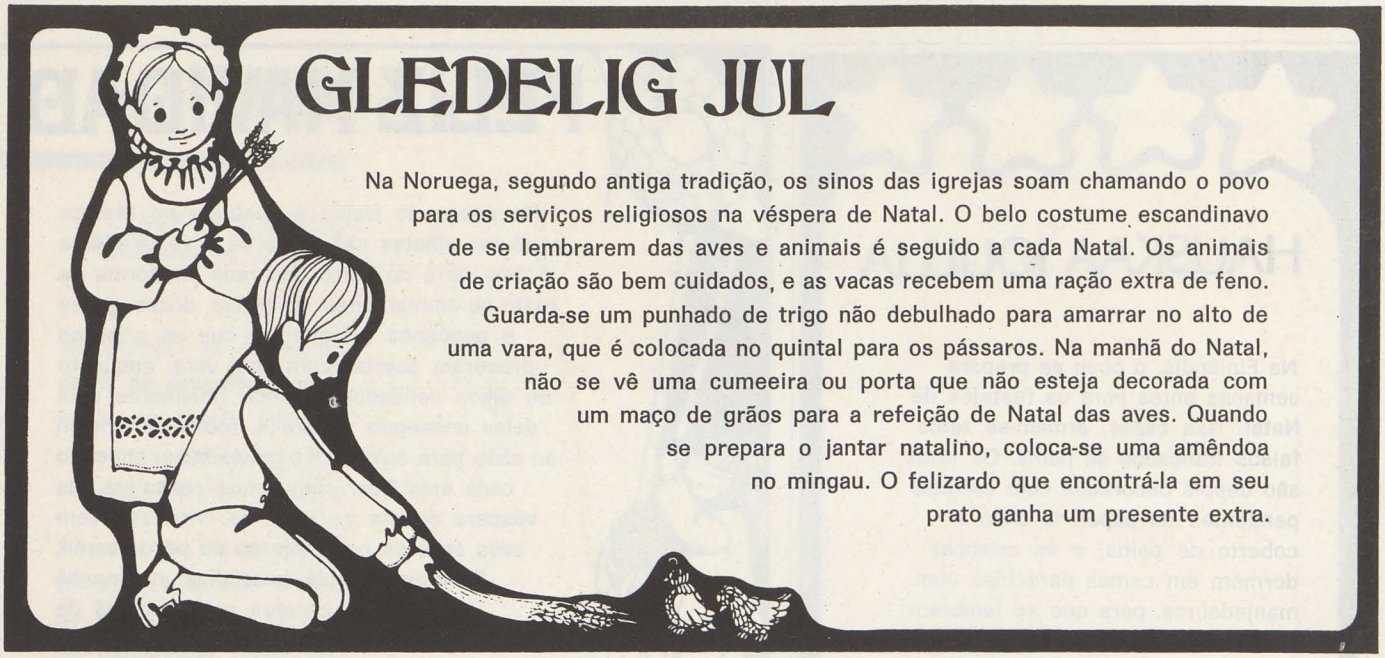
Seguindo um costume muito antigo na Grécia, as mães assam bolos de frigideira, enquanto as crianças observam maravilhadas. O Natal é época de a família se reunir e de contarem histórias e lendas folclóricas. 25 de dezembro é um dia muito alegre para todo mundo.



FROEHLICHE WEIHNACHTEN

A árvore de Natal — o **Tannenbaum** — é a grande contribuição natalina da Alemanha, onde a árvore é decorada secretamente e depois acesa na véspera do Natal para surpresa e alegria de todos. Na Alemanha, os festejos natalinos vão de 6 de dezembro a 6 de janeiro. No dia 6 de dezembro, aparece São Nicolau com chocolate, nozes e doces para todas as crianças bem comportadas. Na noite de 6 de janeiro, depois de desfeita a árvore de Natal, grupos saem à rua para cantar. Uma pessoa carrega uma longa vara com estrela na ponta, enquanto o resto segue carregando lanternas. Passam pelas ruas da cidade ou vila, parando de vez em quando para cantar uma música típica, simbolizando os magos que seguiram a estrela de Belém, em busca do Menino Jesus.

S.
I SERVICES DEPT.
IBRARY



GLEDELIG JUL

Na Noruega, segundo antiga tradição, os sinos das igrejas soam chamando o povo para os serviços religiosos na véspera de Natal. O belo costume escandinavo de se lembrarem das aves e animais é seguido a cada Natal. Os animais de criação são bem cuidados, e as vacas recebem uma ração extra de feno. Guarda-se um punhado de trigo não debulhado para amarrar no alto de uma vara, que é colocada no quintal para os pássaros. Na manhã do Natal, não se vê uma cumeeira ou porta que não esteja decorada com um maço de grãos para a refeição de Natal das aves. Quando se prepara o jantar natalino, coloca-se uma amêndoa no mingau. O felizardo que encontrá-la em seu prato ganha um presente extra.

TOMTE KORJEN

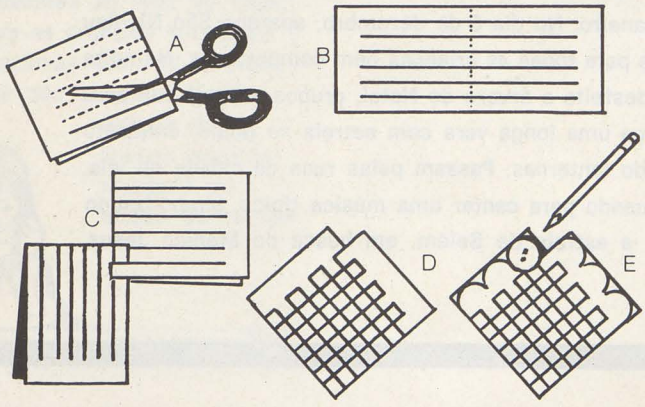
Tomte Korjen é uma cestinha de Natal sueca. Feita de papel, é pendurada na árvore de Natal recheada com pipoca, doces ou outras guloseimas. Toda visita que aparecer no dia do Natal ganha uma dessas cestinhas com os votos de um Feliz Natal. Você precisará de duas folhas de papel grosso de cores diferentes, régua, tesoura e um botão grande. Corte dois pedaços de papel de 9 cm de largura por 26 cm de comprimento. Marque o meio das folhas e dobre na marca, conforme a fig. A. Em ambas as bordas, marque uma margem de 2,5 cm de largura. Trace linhas paralelas distantes 1,5 cm uma da outra, a partir dessa margem, e faça corte seguindo as linhas no papel dobrado. (fig. B) Desdobrando o papel, ele formará sete tiras. Volte a dobrá-lo, e agora você está pronto para começar a trançar. Junte os dois pedaços de papel conforme mostra a fig. C.

Para começar, passe a tira colorida pela dobra da primeira tira branca, depois passe a segunda tira branca pela dobra da tira colorida. Prossiga assim até o fim.

Para fazer a segunda carreira, passe a primeira tira branca pela dobra da tira colorida seguinte, e depois passe esta tira colorida pela dobra da tira branca seguinte. Continue até terminar a segunda carreira.

Repita esses dois passos até terminar o trançado. (Veja fig. D)

Recorte as bordas de papel depois de traçar meias-luas com ajuda do botão. (Fig. E) Por dentro, cole as pontas de uma tira de papel de 1 cm x 23 cm, que servirá de alça.





PERGUNTAS E RESPOSTAS

cado como a área em que Adão voltará a presidir sobre sua posteridade, e como o local das ruínas identificadas por líderes da Igreja na época como altares de adoração adâmicos e nefitas.

Não há duvidas de que os santos, embora ficassem em Adam-ondi-Ahman apenas uns poucos meses, esperavam construir um templo naquela cidade.

A melhor evidência sobre a dedicação de um terreno para o templo é-nos fornecida pelo Élder Heber C. Kimball:

"Enquanto lá estávamos, traçamos uma cidade numa parte elevada da área e marcamos com estacas os quatro cantos de uma quadra do templo, que foi dedicada, tendo como porta-voz o Irmão Brigham Young; na ocasião, estavam presentes de trezentos a quinhentos homens, todos armados. Aquela área elevada situava-se provavelmente de setenta e cinco a cento e cinqüenta metros acima do nível do Grand River, de modo que se podia olhar para o leste, oeste, norte ou sul, tão longe a vista alcançasse; era um dos lugares mais belos que já se viu." (Citado por Orson F. Whitney em **Life of Heber C. Kimball,** Bookcraft Inc., 1967, p. 209)

Foram encontradas pelo menos duas plantas indicativas de planos para Adam-ondi-Ahman. A primeira é um desenho do levantamento topográfico original; mostra uma praça pública de dois quarteirões no centro da cidade, mas não o lote para o templo. A segunda, encontrada recentemente entre velhos documentos no Templo de St. George, e um mapa tosco, traçado a mão, que indica o lote do templo e a localização das primeiras residências e outros pontos interessantes.

Os santos ocuparam a área apenas por alguns meses em 1838, sendo forçados a fugir por causa da perseguição movida por não-membros. Somente umas poucas casas chegaram a ser construídas antes do êxodo.

Hoje, aquela área é novamente terra de cultivo. Fica no Condado de Daviess, Missouri.



Minha esposa e eu queremos cumprir plenamente o mandamento do Senhor quanto ao dízimo, mas estamos em dúvida sobre a maneira correta de calculá-lo. Poderá ajudar-nos?

Bispo Victor L. Brown, bispo presidente da Igreja: Visto que o Livro de Mórmon ensina que Abraão pagava seu dízimo a Melquisedeque, sabemos que, nos tempos antigos era vivida a lei do dízimo. Esta lei foi restabelecida na Igreja nesta dispensação por meio de uma revelação ao Profeta Joseph Smith, em Far West, Missouri, em 18 de julho de 1838, conforme está registrado em Doutrina & Convênios, seção 119, versículos 3-4.

"E este será o princípio do dízimo do meu povo.

"E, depois disso, os que assim tiverem pago o seu dízimo, pagarão um décimo de todos os seus juros anuais; e isto lhes será uma lei perpétua, e para o meu santo Sacerdócio, para sempre, diz o Senhor."

No dia 19 de março de 1970, a Primeira Presidência enviou a seguinte carta aos presidentes de estaca e missão, bispos e presidentes de ramo, esclarecendo a pergunta: "O que é um dízimo correto?"

"Para que se orientem nessa questão, queiram notar que temos respondido uniformemente que a mais simples declaração a respeito é a do próprio Senhor, ao afirmar deverem os membros da Igreja pagar um décimo de todos os seus juros anuais, o que deve ser entendido como rendimentos. Ninguém tem autoridade para fazer nenhuma outra declaração. Achamos que todo membro da Igreja deve ter o direito de decidir por si mesmo o quanto pensa dever ao Senhor, e pagar de acordo."

No final de cada ano, todo membro da Igreja tem por obrigação comparecer ao acerto de dízimo com seu bispo, ocasião em que terá oportunidade de declarar se é dizimista integral, parcial ou não-dizimista. O pagamento do dízimo é uma questão entre o indivíduo e o Senhor. O bispo é apenas o servo do Senhor que recebe e presta contas da contribuição.

O Senhor prometeu que abrirá as janelas do céu àqueles que pagam seu dízimo e ofertas. Em Malaquias, encontramos:

"Roubará o homem a Deus? Todavia vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? nos dízimos e nas ofertas alçadas.

"Com maldição sois amaldiçoados, porque me roubais a mim, vós, toda a nação.

"Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança." (Mal. 3:8-10)

Quando alguém é perfeitamente honesto com o Senhor, seu coração é tomado de um sentimento de paz e tranqüilidade, e ele sabe que é um dizimista integral.

Paguem o dízimo na proporção em que desejam ser abençoados.



Suas Horas Finais

Jesus é o Cristo o Salvador do Mundo

Élder Howard W. Hunter
do Conselho dos Doze

Pouco menos de dois mil anos atrás, nas proximidades de Jerusalém, perto da pequena aldeia de Betânia, deram-se os eventos iniciais da mais importante semana na história da humanidade. Jesus de Nazaré, após escassos três anos de ministério entre seus conterrâneos, saía da casa de seus amigos Maria, Marta e Lázaro, caminhando resolutamente para os portões de Jerusalém. Alguns habitantes da antiga cidade consideravam-no um blasfemador, um demônio, um transgressor da lei judaica. Outros viam nele um profeta, o Messias, o Filho do Deus vivo. Fossem quais fossem as opiniões, toda judéia conhecia aquele homem que pregava com poder e autoridade, apesar de não ser escriba nem fariseu.

"E estava próxima a páscoa dos judeus," escreve João, "e muitos daquela região subiram a Jerusalém antes da páscoa para se purificarem.

"Buscavam pois a Jesus, e diziam uns aos outros, estando no templo: Que vos parece? Não virá à festa?" (João 11:55-56)

A lei judaica exigia a presença de todos os homens adultos nessa comemoração, a mais sagrada do cerimonial de Israel. Os membros do sinédrio, porém, haviam ameaçado Jesus de morte abertamente, e muitos duvidavam de que se mostrasse numa reunião pública assim.

A sensação de perigo para ele se fazia presente em toda parte, mas, mesmo assim, Jesus foi a Jerusalem para os festejos da páscoa, não com pompa e aparato, mas montado num humilde asno — o símbolo de humildade e paz. Uma grande multidão saiu de Jerusalém para recebê-lo, estendendo folhas de palma debaixo de seus pés e bradando: "... Hosana ao Filho de Davi; bendito o que vem em nome do Senhor..." (Mat. 21:9)

Mateus conta que "toda a cidade se alvoroçou, dizendo: Quem é este?

"E a multidão dizia: Este é Jesus, o Profeta de Nazaré da Galiléia." (Mat. 21:10-11)

Para todos os que tinham conhecimento da lei, aquela era a entrada triunfante do rei de Israel, havia muito predita pelos profeta e longamente aguardada pela semente de Israel. A multidão mostrava-se alegre e ruidosa; Jesus estava régio e silencioso. Na verdade, ao aproximar-se da cidade tão favorecida por Deus, ele chorou por Jerusalém, dizendo:

"Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todas as bandas;

"E te derribarão... e não deixarão em ti pedra sobre pedra..." (Lucas 19:43-44)

Jesus também sabia do seu próprio destino iminente. Falou em parábolas do grão que tinha de morrer para produzir frutos, e do filho escolhido mandado pelo pai à vinha da família, para ser morto como antes haviam sido mortos os servos do pai. Às vezes, o fardo parecia pesado demais para se carregar.

"Agora a minha alma está perturbada," admitiu ele. "... Pai, salva-me desta hora; mas para isto vim a esta hora." (João 12:27) Sua coerên-





cia de propósito e firme decisão de fazer a vontade do Pai fizeram-no prosseguir.

No ocaso de seu próprio futuro mortal, declarava bondosamente: "Eu sou a luz que vim ao mundo, para que todo aquele que crê em mim, não permaneça nas trevas." (João 12:46) Tais afirmações serviam para unir seus inimigos contra ele, contudo proclamava: "Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar." (João 12:49)

Na esperança de enredar Jesus, alguns de seus adversários mais astutos fizeram-lhe perguntas capciosas a respeito de leis políticas e rabínicas. Alguns fariseus e herodianos propuseram-lhe uma questão diabólica:

"Mestre, bem sabemos que és verdadeiro e ensinas o caminho de Deus...

"Dize-nos, pois, que te parece? É lícito pagar o tributo a César, ou não?" (Mat. 22:16-17) Se respondesse que sim, seria fácil acusá-lo de trair sua herança entre a semente de Abraão, o próprio povo que gemia sob o domínio romano. Respondesse negativamente, seria de imediato preso como agitador político. Ele não respondeu nada, pedindo que lhe mostrassem uma moeda com que se costumava pagar tal tributo.

Mostrando a moeda aos seus acusadores, ele indagou:

"De quem é esta efígie e esta inscrição?" Naturalmente responderam como teria feito qualquer criança: "De César." Com essa simples pergunta, ele assumira o comando da situação. Devolveu então a moeda, dizendo: "Dai pois a César o que é de César..." (Mat. 22:20-21) como que querendo dizer: "Esta moeda leva o nome e retrato do homem. Certamente pertence a ele. Por favor, devolvam-na ao seu legítimo dono."

Assim destruiu brilhantemente a trama de seus opressores, mas este nunca fora seu verdadeiro desejo ou missão. Eles, também, eram filhos de Deus. Eles, também estavam entre os que viera salvar. Temia por eles e os amava mesmo com sua malícia. Quando se afastavam acrescentou uma súplica: "... e [dai] a Deus o que é de Deus." Assim como a moeda levava a efígie de César aqueles e todos os homens levavam a imagem de Deus, seu Pai Celestial. Haviam sido por ele criados à sua própria imagem, e Jesus devia abrir-lhes o caminho de volta para ele. Contudo, "eles, ouvindo isto, maravilharam-se, e, deixando-o, se retiraram." (Mat. 22:21-22)

Pouco tempo depois, um doutor da lei tentou enredá-lo numa armadilha teológica, dizendo: "Mestre, qual é o grande mandamento na lei?" (Mat. 22:36) Os entendidos haviam dividido, subdividido e classificado o código mosaico original, a ponto de certas partes parecerem diretamente contrárias a outras. Mas Jesus não se deixaria deter por questiúnculas de debate legal. Num único lance, atingiu o âmago da lei, integrando num todo aquelas diversas partes: "... Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

"Este é o primeiro e grande mandamento.

"E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo." (Mat. 22:37-39)

Mais uma vez Jesus transformou

uma questão cheia de veneno, inveja e falsidade em uma resposta de amor, piedade e sublime visão.

Chegando as horas finais de sua missão terrena, Jesus afastou-se das multidões, dedicando-se apenas a fortalecer seus discípulos. Ele os avisou do que estava por acontecer. Falou-lhes da destruição de Jerusalém e das dificuldades e apostasia que precederiam sua volta à terra nos últimos dias; de um mestre que, depois de muito tempo e num país distante, viria para fazer um ajuste de contas com seus servos, cada um de acordo com sua capacidade e talentos recebidos, para investimento numa boa causa. Falou de um pastor que separaria as ovelhas dos bodes, sendo os primeiros aqueles que deram de comer ao faminto, água ao sedento, roupa ao despido e atenção ao aflito; das virgens que compareceram ao casamento, algumas levando óleo suficiente para manter acesas suas lâmpadas, enquanto outras viram seu magro suprimento esgotar-se, porque o noivo se demorou mais do que supunham. Assim, Jesus ensinou seus discípulos a vigiar e orar; entretanto, ensinou-lhes também que vigiar piedosamente não requer uma vigília ansiosa e preocupação com o futuro, mas antes a calma e constante dedicação aos deveres atuais.

Aproximando-se a hora do sacrifício, Jesus retirou-se com seus doze apóstolos para a quietude e isolamento de um cenáculo. Ali o Mestre procurou fortalecer suas testemunhas especiais contra as ciladas do maligno — despiu as vestes exteriores, cingiu-se com uma toalha e lavou os pés dos apóstolos.

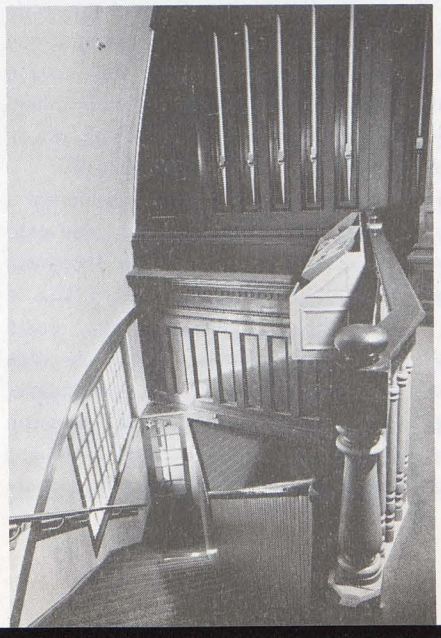
Este magnífico gesto de amor e união foi um prelúdio adequado para a ceia da páscoa que se seguiu. Desde o tempo em que o primogênito dos filhos fiéis de Israel fora poupado na destruição sofrida pelo Egito, por causa da intransigência do Faraó, a ceia da Páscoa, com todos os seus emblemas e gestos simbólicos, vinha sendo observada fielmente pela família israelita. Quão adequado não foi Jesus instituir os emblemas do novo convênio de segurança — os emblemas de seu próprio sangue e corpo — durante a observância daquele antigo convênio de proteção. Quando tomou o pão e o partiu, e tomou o cálice e o abençoou, Jesus estava-se apresentando como o Cordeiro de Deus que proveria alimento espiritual e salvação eterna.

O novo convênio veio acompanhado de um novo mandamento. Jesus disse a seus discípulos que deviam amar-se "uns aos outros", assim como ele os amara.

"Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros. " (João 13:34-35)

Até mesmo no fim de sua vida mortal, Jesus demonstrava a grandeza de seu espírito e a magnitude de sua força. Não se deixou, mesmo nessa hora tardia, envolver egoisticamente por sua própria tristeza ou pensamento na dor iminente. Cuidava com ansiedade das necessidades presentes e futuras de seus amados seguidores. Sabia que a segurança deles, tanto individual quanto como igreja, dependia de um amor recíproco sem reservas. Sua inteira energia parece ter sido devotada às necessidades deles, mostrando, assim, pelo exemplo o que ensina por preceito. Deu-lhes palavras de consolo, mandamento e advertência.

"Não se turbe o vosso coração,"





dizia ele, sentindo seu medo e tristeza. "Na casa de meu Pai há muitas moradas... vou preparar-vos lugar... Eu sou o caminho e a verdade e a vida... tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei... E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre... Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós... Vós sereis meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando... meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros." (Vide João 14 e 15.)

Quando o pequeno grupo chegou ao Jardim do Getsêmani naquela noite das noites, Jesus poderia ter pedido aos apóstolos que orassem por ele, para que fosse fortalecido para a indescritível tarefa que o esperava. Mas, em vez disso, Jesus orou por eles e pelos iguais a eles:

"Não peço que os tires do mundo," registra João, que estava presente para ouvi-lo, "mas que os livres do mal... [eles] Não são do mundo... Santifica-os na verdade ... Eu não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um como tu, ó Pai, o és em mim e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste." (João 17)

Tendo oferecido essa magnífica prece intercessória, Jesus foi enfrentar sozinho sua angústia física e espiritual. Escreve um apóstolo moderno do Senhor Jesus Cristo:

"A agonia de Cristo no jardim é insondável para a mente finita, tanto em intensidade quanto em causa... Naquela hora de angústia, Cristo enfrentou e venceu todos os horrores que Satanás... poderia infligir...

"De alguma forma, verdadeira e terrivelmente real, ainda que incompreensível para o homem, o Salvador tomou sobre si mesmo a carga dos pecados da humanidade, desde Adão até o final do mundo." (James E. Talmage, **Jesus, o Cristo,** p. 592)

Dali em diante, foi apenas uma questão de horas para ele ser falsamente acusado, julgado ilegalmente e injustamente crucificado. Fez o que ninguém mais já fizera — no terceiro dia levantou-se da própria tumba, uma tumba que voltou a encher-se da luz e vida do mundo, e ascendeu ao Pai. Jesus de Nazaré era agora Jesus, o Cristo — havia conquistado a morte.

Comparando com a pressa e agitação de nossos dias, a vida dele foi muito simples. Vivia em condições humildes. Não estava rodeado dos orgulhosos e poderosos da terra, mas dos pobres, humildes e de condição modesta. Não havia nada de complicado em sua vida ou ensinamentos. As palavras que falava dizem respeito a qualquer meio social — a todos os que ouviam em seu tempo e a todos os que querem ouvi-lo agora.

A história se encarrega de prover ampla evidência da sua morte. E tão certo quanto sei que ele morreu, tenho a íntima porém positiva convicção de que ele vive hoje — o Salvador de toda pessoa que nasceu ou virá a nascer nesta terra. Ao entrarmos na antiga semana da Páscoa, pensamos no Cristo ressurreto, no Filho vivente do Deus vivo. Possamos, em seu nome, unir nossos corações, amarmos uns aos outros, e guardar seus mandamentos, é a minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido na sessão matutina da sexta-feira, 5 de Abril de 1974.



Cremos Em Tudo O Que Deus Tem Revelado

Examinai as revelações do Senhor pela fórmula da inquirição espiritual.

Élder Boyd K. Packer
do Conselho dos Doze

Assim como vós, tenho certeza, fui inspirado pelas palavras de nosso querido Presidente Romney, quando esta manhã nos esclareceu as revelações com respeito ao Espírito Santo.

Num mundo tão inconstante, dou graças a Deus pelo permanente fluxo de revelação concedido à Igreja. Nesta conferência, apoiamos um novo profeta, vidente e revelador. Sou muito grato por termos um pro-

feta autorizado a receber revelação de Deus.

Sou grato, também, que a revelação não seja restrita ao profeta. É compartilhada pelas Autoridades Gerais. E em todo o mundo, os líderes locais falam constantemente da orientação que recebem, quando têm decisões a tomar ou quando necessitam de mais luz e conhecimento.

Pais e mães podem receber igualmente inspiração, revelação mesmo, através do agente de que falou o Irmão Romney, para orientar a família. E naturalmente cada um de nós, se viver de acordo, poderá ser recebedor de comunicações espirituais para nossa orientação pessoal.

Os profetas do passado registraram suas revelações. E, juntamente com a sagrada história que cerca seu recebimento, elas constituem as Escrituras. A Bíblia é, obviamente, o melhor exemplo conhecido. Na Igreja, costumamos fazer uma coisa que muito poucos ainda fazem: ler a Bíblia.

E somos abençoados com mais outras Escrituras, também livros de revelação: O Livro de Mórmon, Doutrina & Convênios, e Pérola de Grande Valor.

Quando afirmamos ter outras Escrituras além da Bíblia, logo vem a pergunta: "Onde arranjaram essas revelações? De onde vieram esses livros?"

Respondendo a tais perguntas, logo falamos da tradução, por meio do Urim e Tumim, de registros feitos por antigos profetas; falamos de visões e visitações de mensageiros angélicos vindos da presença de Deus; e falamos, sem hesitar, de entrevistas com o próprio Senhor.

Muitos consideram essas explicações como história estranhas, hesitando mesmo aparentar levá-las a sério. Rejeitam a idéia de que processos de revelação, coisa comum nos tempos bíblicos, operem ainda hoje.

Não obstante, nós temos essas Escrituras. Nós as conseguimos de algum lugar e dizemos: "Vejam-nas; leiam-nas; provem-nas. Convençam-se por si mesmos." Infelizmente, a maioria dos homens reluta até mesmo em examiná-las.

Eles me lembram um personagem de uma parábola escrita há poucos anos pelo Dr. Hugh Nibley. Gostaria de citar um trecho:

"Há muito tempo atrás, um jovem afirmou ter achado um grande diamante, enquanto arava o seu campo. Exibiu a pedra publicamente, sem nada cobrar, e todo mundo tomou partido. Um psicólogo mostrou, citando alguns famosos estudos de caso, que o moço estava sofrendo de uma conhecida forma de delírio. Um historiador mostrou que outros homens já pensavam ter encontrado diamantes em campos e estavam enganados. Um geólogo provou que naquela área não havia diamantes, apenas quartzo: o jovem deixara-se iludir por um pedaço de quartzo. Quando lhe solicitaram examinar o diamante, o geólogo declinou com um sorriso descrente, tolerante, balançando a cabeça negativamente. Um professor inglês provou que o jovem usara para descrever a sua pedra uma linguagem idêntica empregada por outros na descrição de diamantes brutos: estava, portanto, usando simplesmente a linguagem comum de sua época. Um sociólogo mostrou que apenas três entre centro e setenta e sete auxiliares de floricultura em quatro das principais cidades acreditavam que a pedra fosse genuína. Um clérigo escreveu um livro, provando que não fora o moço, mas outra **pessoa** qualquer o descobridor do diamante.

Finalmente, um humilde joalheiro indicou que, uma vez que a pedra continuava disponível para exame, a resposta à questão se ela era ou não um diamante, não tinha absolutamente nada a ver com quem a encontrara, ou se o descobridor era honesto ou não, ou quem lhe dava crédito, ou se ele sabia distinguir entre uma pedra e diamante, ou se diamantes já foram encontrados em campos, ou se alguém já se deixara enganar por quartzo ou vidro; o melhor era simplesmente submeter a pedra a certos testes comuns para diamantes. Foram chamados peritos em diamantes. Alguns a deram como genuína. Os outros fizeram piadas nervosas, declarando que não poderiam pôr em jogo sua dignidade e reputação, parecendo levar a coisa muito a sério. Para disfarçar a má impressão que isto deixou, alguém apareceu com a teoria de que se tratava, na verdade, de um diamante sintético, muito bem feito, mas ainda assim uma farsa. A isto pode-se objetar que a produção de um bom diamante sintético seria para o jovem camponês um feito ainda muito mais extraordinário do que o achado de um verdadeiro." **(Lehi in the Desert and the World of the Jaredites,** Bookcraft, 1952, pp. 136-37)

O fato é que temos esses livros de Escrituras. Nós os conseguimos, repito, de alguma fonte.

No decorrer dos anos, têm surgido muitas explicações e teorias quanto à sua origem. Essas teorias propostas, em grande parte, por pessoas que nunca sequer chegaram a ler os livros, geralmente se prendem à idéia de que Joseph Smith os produziu; que são de autoria de Joseph Smith. Ele, então, merece a culpa.

Isto, entretanto, dá-lhe um crédito excessivo e muito mais importância do que merece. É uma coisa que não posso aceitar, pois faria dele um gênio além de toda e qualquer medida. Eu não creio que o fosse. Supor que foram produzidos por ele sem ajuda nem inspiração é absurdo.

A verdade é, simplesmente, que era um profeta de Deus — nada mais nada menos que isso!

As Escrituras não vieram tanto de Joseph Smith como através dele. Ele foi o conduto pelo qual as revelações foram dadas. Em outros aspectos, era

um homem comum, assim como o foram os profetas em outros tempos e como os profetas de hoje são.

Alguns têm alegado que esses livros de revelação são falsos, indicando como evidência as modificações havidas no texto dessas Escrituras desde sua publicação original. Citam tais modificações, das quais existem muitos exemplos, como se eles próprios estivessem anunciando revelação. Como se apenas eles as conhecessem.

Lógico que tem havido modificações e correções. Qualquer pessoa que tenha feito alguma pesquisa, ainda que limitada, sabe disso. Quando adequadamente vistas, tais correções tornam-se um testemunho a favor, não contra, da veracidade dos livros.

O Profeta Joseph Smith era um jovem camponês sem grande instrução. Lendo-se algumas de suas primeiras cartas, ele se mostra um tanto canhestro em ortografia, gramática e expressão.

Que as revelações viessem por seu intermédio com certo refinamento literário é quase que um milagre. A necessidade de certo aperfeiçoamento contínuo fortalece meu respeito por elas.

Agora, acrescento com ênfase que tais modificações têm sido basicamente insignificantes correções gramaticais, de estilo, pontuação e clareza. Não houve nenhuma alteração fundamental.

Por que são silenciadas no púlpito? Simplesmente porque são compativamente tão insignificantes e sem importância que não valem a pena, literalmente, ser mencionadas. Afinal, elas nada têm a ver absolutamente com o fato de os livros serem ou não autênticos.

Depois de compilar algumas revelações, o antigo Profeta Morôni diz: "... se houver imperfeições, serão imperfeições do homem. Mas eis que não sabemos de imperfeições, não obstante, Deus sabe todos as coisas; portanto, aquele que as condenar, que tenha cuidado para não se pôr em perigo do fogo do inferno." (Mórmon 8:17) "E àqueles que receberem estes anais, não os condenando por causa das imperfeições que contêm, a esses será dado conhecer coisas maiores do que estas..." (Mórmón 8:12)

Um homem pode pegar uma pedra e, a fim de verificar precisamente o que é, submetê-la a um teste para identificar ardósia ou arenito. Depois de fazer os testes, poderá concluir sua pesquisa com a declaração: "Não descobri tratar-se de um diamante."

Sua conclusão embora correta, nada tem a ver com o fato de a pedra ser ou não um diamante. Nem tampouco será jamais verificado por meio de uma fórmula errada. Pode haver milhares de testes que, aplicados, o fariam chegar à mesma conclusão.

Depois, e somente depois de ele submeter a pedra à fórmula certa é que poderá saber com certeza. Até aí, sua conclusão: "Não descobri tratar-se de um diamante", é uma informação relativamente inútil.

Com o decorrer dos anos, tem havido uma procissão sem fim dos que pretendem examinar essas revelações por todas as fórmulas possíveis, menos a certa. Todos eles provam, como disse Paulo, que "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." (I Cor. 2:14)

Esses diamantes escriturísticos, conforme os descrevemos, resistirão ao teste. Tão certo como o homem pode determinar se um pretenso diamante é genuíno, submetendo-o a conhecidos testes para diamantes, as Escrituras poderão ser submetidas aos testes conhecidos para elas.

Existe uma fórmula muito precisa. Para aplicá-la, necessitamos, obrigatoriamente, passar do criticismo para a inquirição espiritual.



Há aqueles que fizeram um esforço casual, até mesmo insincero para provar as Escrituras, e nada conseguiram, o que é precisamente o que ganharam e mereceram. Se achais que elas se dobram a uma inquirição casual. à curiosidade ociosa ou mesmo à busca bem intencionada porém temporária, estais enganados. Elas igualmente não se rendem à pessoa super-zelosa ou ao fanático.

É por meio de uma vida inteira dedicada calmamente, com fé e humildade que se pode ter certeza. Muitos elementos da verdade só são obtidos após uma vida inteira de preparação.

O testemunho deles, contudo, pode ser adquirido bem depressa. Não menosprezeis a possibilidade de que muita gente humilde, jovens e velhos, possuam tal testemunho. Muitos têm um testemunho que transcende o conhecimento obtenível nos campos acadêmico e científico. Quando um homem humilde presta testemunho baseado na inquirição espiritual e vida reta, sede cuidadosos antes de repudiar suas palavras por tratar-se de pessoa inculta sob outros aspectos.

Muito expoente acadêmico é ao mesmo um pigmeu espiritual e, neste caso, geralmente também um debilóide moral. Um homem assim

pode muito facilmente tornar-se membro honorário de uma "brigada de demolição", decidida a destruir as obras de Deus.

Precavei-vos do testemunho de alguém imoderado ou irreverente ou imoral que destrói sem ter nada para pôr em seu lugar.

Diz o Profeta Néfi: "... os culpados acham portanto a verdade dura, porque lhes penetra até o âmago." (I Néfi 16:2)

Este antigo profeta dizia que não era "tão poderoso no escrever como o era no falar, porque, quando um homem fala pelo poder do Espírito Santo, esse poder leva as suas palavras aos corações dos filhos dos homens.

"Mas eis que muitos há que endurecem seus corações contra o Espírito Santo, de forma que não há nesses, lugar para ele; portanto, desperdiçam muitas coisas que estão escritas e as consideram sem importância." (II Néfi 33:1-2)

Disse mais que as palavras que escrevera eram para persuadir os homens a fazer o bem e para falar-lhes de "Jesus, persuadindo-os a acreditar nele e a perseverarem até o fim, que é a vida eterna.

"E falem asperamente contra o pecado, segundo a clareza da verdade; portanto, nenhum homem se zangará com as palavras que escrevi, a não ser que tenha o espírito do diabo." (II Néfi 33:4-5)

Em o Novo Testamento, há uma advertência que merece nossa atenção. Pedro e os outros apóstolos haviam sido presos pelo sinédrio. Foram libertados por um anjo, mas tiveram que apresentar-se uma segunda vez perante o sinédrio, onde testificaram: "... somos testemunhas acerca destas palavras, nós e também o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem." (Atos 5:32)

Alguns membros do sinédrio queriam matar os apóstolos, porém Gamaliel, um doutor da lei, disse sabiamente: "Varões israelitas, acautelai-vos a respeito do que haveis de fazer a estes homens." (Atos 5.34-35) Depois citou dois exemplos de pregadores que também pereceram; "e todos os que lhes deram ouvidos foram dispersos e reduzidos a nada.

"... Dai de mão a estes homens, e deixai-os," advertiu Gamaliel, "porque se este conselho ou esta obra é de homens, se desfará.

"Mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus." (Atos 5:37-39)

A revelação é continua na Igreja: O profeta recebendo-a para a Igreja; o presidente para sua estaca, missão ou quorum; o bispo para sua ala; o pai para sua família; o indivíduo para si mesmo.

Muitas revelações têm sido recebidas e se evidenciam no avanço contínuo da obra do Senhor. Talvez um dia se publiquem outras revelações que foram recebidas e registradas; e nós permanecemos na expectativa de que "Ele revelará ainda muitas grandes e importantes coisas pertencentes ao Reino de Deus." (9.ª Regra de Fé)

Concluo com um versículo de Doutrina & Convênios, que encerra uma fórmula e uma promessa:

"Em verdade, assim diz o Senhor: Acontecerá que toda a alma que renunciar aos seus pecados e vier a mim, e clamar ao meu nome, e obedecer à minha voz, e guardar os meus mandamentos, verá a minha face e saberá que eu sou." (D&C 93:1)

Não convido ninguém a que saia em busca de um sinal, mas que prepare u'a mente e um coração e um corpo limpos.

"Portanto," diz o Senhor, "santificai-vos, para que as vossas mentes se ponham de acordo com Deus, e dias virão em que o vereis; pois vos desvendará o seu rosto, e será no seu próprio tempo, no seu próprio modo, e de acordo com a sua própria vontade." (D&C 88:68)

Presto testemunho de que as revelações são verdadeiras. Eu as submeti à prova. Aqui estão sentadas diante de nós, nesta conferência, as Autoridades Gerais da Igreja, entre elas quinze homens chamados e ordenados como apóstolos, como testemunhas especiais do Senhor Jesus Cristo. Eu testifico que ele vive. Eu tenho este testemunho e testifico que o Evangelho de Jesus Cristo é o poder para salvação, e que cada um de nós pode, se buscar, saber que esses diamantes são genuínos, em nome de Jesus Cristo. Amém.



Discurso proferido na sessão matutina de domingo, 7 de Abril de 1974.



O Ministério do Salvador

Um apelo para lembrarmo-nos do Senhor e retribuir o seu amor pela obediência.

Élder Delbert L. Stapley
do Conselho dos Doze

Meus caros irmãos e amigos, o Salvador proclamou: "Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda foi anunciada pelos profetas." (III Néfi 11:10) "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida." (João 8:12)

Muito está escrito e muito se tem pregado a respeito de Cristo — seu ministério, ensinamentos, milagres, expiação, ressurreição e subida à glória eterna. Em verdade ele é nosso Senhor e Salvador, nosso Redentor e Deus. Ele disse: "... eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou." (João 6:38) "... eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância." (João 10:10) "E... virei outra vez e vos levarei para mim mesmo; para que onde eu estiver estejais vós também." (João 14:3)

Este é o propósito do ministério terreno de nosso Salvador: que pudéssemos ter vida eterna e habitar nos céus com ele e o Pai Celestial.

Seus ensinamentos destinam-se a nos mostrar o caminho para a vida eterna. Os muitos milagres que realizou foram feitos como testemunho de que era de fato o Filho de Deus. Seu sacrifício expiatório, a entrega da própria vida, mostra seu grande amor a toda a humanidade. Diz ele: "Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos." (João 15:13) Ele provou ser nosso amigo. No entanto, e nós? Dedicamos tempo suficiente ao estudo e oração para conhecer nosso Salvador e tornarmo-nos seus amigos?

Imaginai-vos, se quiserdes, entre as multidões a quem Jesus falou — uma criança aleijada, um homem cego, uma mulher surda. Eles sentiam imenso afeto pelo Salvador e este por eles. Derramavam lágrimas de alegria, quando suas palavras confortadoras lhes tocavam o coração. Ele igualmente sentia o espírito deles e se enchia de compaixão e misericórdia para com eles. Olhando por sobre a multidão, dizia: "Tendes enfermos entre vós? Trazei-os aqui. Há entre vós coxos, cegos, defeituosos, mutilados, leprosos, surdos ou aflitos por qualquer coisa? Trazei-os aqui e eu os curarei...

"... vejo que vossa fé é suficiente para que eu vos cure." (III Néfi 17: 7-8).

E assim eles trouxeram os seus aflitos, seus coxos, cegos e surdos, e ele os curou, sem exceção. E todos os que ali estavam, aqueles que haviam sido curados, e os sãos prostraram-se em gratitude e louvor. (Vide III Néfi 17:10).

Então chamou as crianças para junto dele e mandou que a multidão se ajoelhasse por terra. Ajoelhando-se também, ele orou ao Pai: "E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e maravilhosas coisas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que encheu nossas almas na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai.

"... após terminar sua oração dirigida ao Pai, Jesus levantou-se; porém, tão grande era o júbilo da multidão, que se sentiram prostrados.

"E... Jesus... (ordenou) que se levantassem.

"... e... lhes disse: Bem-aventurados sois, em virtude da vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria.

"E depois de ter dito estas palavras, chorou... e tomou das criancinhas, uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai.

"E, depois de ter feito isso, chorou de novo." (III Néfi 17:17-22).

E nós, sentimos o doce espírito daqueles ali reunidos e o grande



amor mostrado por Cristo àquele povo fiel? Ali estava o grande Mestre dos mestres, dando uma lição sobre como orar. Dava o exemplo de se importar o bastante com os outros para orar por eles, orar em favor de suas necessidades específicas e individuais. Ele admoestou-os: "Portanto, deveis sempre orar ao Pai em meu nome.

"Rogai no seio de vossa família ao Pai... a fim de que vossas esposas e filhos possam ser abençoados." (III Néfi 18:19-21).

Entendemos o que Cristo está dizendo? Está-nos dizendo que, assim como ele orou ao Pai e curou os enfermos e abençoou as crianças, nós também temos o direito de orar pelos que estão em necessidade, e em benefício de nossa família. Isto não é só uma bênção para nós, mas também uma salvaguarda para a vida familiar, para nos unir mais em amor e harmonia através dessa influência espiritual.

Permiti-me repetir esta Escritura: "Bem-aventurados sois, em virtude de vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria." (III Néfi 17:20).

A alegria de Cristo torna-se plena, quando nos arrependemos, somos fiéis e guardamos os mandamentos de Deus.

"Por conseguinte, todos os que se arrependerem e vierem a mim como criancinhas, eu os receberei, pois dos tais é o reino de Deus. Eis que por estes dei minha vida e tomei-a de novo; por conseguinte, arrependei-vos e vinde a mim, ó vós, extremos da terra, e salvai-vos!" (III Néfi 9:22). E "desta forma batizareis todos os que se arrependerem de seus pecados... e desejarem ser batizados em meu nome..." (III Néfi 11:23).

Nisto reside a beleza do Evangelho: a oportunidade de arrependimento, perdão e vida eterna, dando assim sentido ao sacrifício expiatório de nosso Salvador.

"E assim efetua ele seus grandes e eternos desígnios, os quais foram preparados desde a fundação do mundo. Assim efetua a salvação e a redenção dos homens, e também sua destruição e miséria.

"Eis porque... todo aquele que quiser pode vir e partilhar livremente das águas da vida; e aquele que não quiser não será obrigado a vir, porém, no dia do juízo, lhe será restaurado de acordo com suas ações." (Alma 42:26-27).

Em outras palavras, a escolha é nossa: Se agirmos bem, receberemos o bem; se agirmos mal, miséria será a nossa recompensa. O Senhor está ansioso por salvar-nos a todos; contudo, ele sabe que alguns dos nossos não atenderão a seu apelo. Sua angustia se mostra, quando diz: "Jerusalém, Jerusalém... quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!" (Mat. 23:37).

Outros profetas igualmente pregaram arrependimento ao povo, dizendo-lhe que atentasse para a voz do Senhor:

"Ó obreiros da iniqüidade, vós que estais inchados das vaidades do mundo, vós que professastes haver conhecido os caminhos da retidão e, não obstante, vos haveis perdido, como ovelhas que não têm pastor, apesar de um pastor vos haver chamado e vos chamar ainda, mas não quereis escutar a sua voz!" (Alma 5:37).

Com seu amor e misericórdia, Jesus, o Bom Pastor, chama a cada um de nós. Aos que pecaram, ele con-

cede perdão. Ele se regozija com a salvação do homem.

Jamais poderemos pagar totalmente o sacrifício feito pelo Salvador para ajudar-nos a alcançar salvação e exaltação. Conviria a cada um de nós examinar nosso coração e vida, e considerar quão bom e complacente nosso Senhor tem sido. George Herbert diz: "Tu que nos deste tanto, dá-nos mais uma coisa... um coração agradecido."

Na semana passada, recebi uma carta em que a missivista dizia: "Nós amamos... nosso Pai Celestial de todo o coração... Se tivesse que trabalhar cada minuto pelo resto de minha vida, ainda assim não poderia pagar ao Senhor a sua preciosa dádiva do Evangelho."

Num discurso dirigido ao seu povo, dizia o Rei Benjamim: "E digo-vos novamente... que como haveis chegado ao conhecimento da glória de Deus... e recebido a remissão de vossos pecados... quisera que vos lembrásseis... (da) grandeza de Deus e (de) vossa própria nulidade, e (de) sua bondade e longanimidade para convosco... e vos humilhásseis... invocando diariamente o nome do Senhor e permanecendo firmes na fé daquilo que está por vir...

"... vos digo que, se isso fizerdes, regozijar-vos-eis sempre, estareis cheios de amor de Deus... e crescereis no conhecimento da glória daquele que vos criou...

"E não tereis o desejo de injuriar-vos uns aos outros, mas de viver em paz e dar a cada um de acordo com o que lhe é devido.

"Não permitireis que vossos filhos andem famintos ou desnudos, nem que transgridam as leis de Deus...

"Mas ensiná-los-eis a andar pelos caminhos da verdade e da moderação; ensiná-los-eis a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros." (Mosiah 4:11-15).



Em nosso empenho de agir corretamente, somos às vezes assediados por tentações e provas, mas o Senhor nos dá esta certeza confortadora: "Vinde a mim, todos o que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

"Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas." (Mat. 11:28-29).

"E sou a luz e a vida do mundo, sou Alfa e Ômega, o princípio e o fim.

"Eis que vim ao mundo para trazer-lhe a redenção e salvá-lo do pecado." (III Néfi 9:18-21).

"E... virei outra vez e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também." (João 14:3).

Agora é o tempo de nos prepararmos e sermos dignos do cumprimento dessa grande promessa. Muita gente perdeu seu senso adequado de valores, e busca a riqueza às expensas de seu crescimento espiritual. Toda tarefa, todo dever, toda designação bem poderia ser encarada. considerando-se primeiro como o Filho de Deus a teria cumprido. Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo mostrou-nos o caminho para obtermos a felicidade eterna pela forma como vivermos. Todos nós nos devemos valer de seus méritos para nossa salvação e glória.

Como alguém que possui o dever de testificar a realidade de Cristo no sublime plano divino de vida e salvação, presto solene testemunho destas verdades; também de que o espírito do homem nunca morre e que a vida continua após esta existência mortal. Testifico humildemente que Deus vive; que Jesus, seu Filho, vive; que o Evangelho ensinado por nós é verdadeiro. Presto igualmente testemunho do chamado divino de nosso querido Presidente Spencer W. Kimball. Tenho-lhe grande amor, respeito e admiração. Vou apoiá-lo; vou sustentá-lo; vou seguí-lo, pois sei que é o ungido do Senhor para seu povo hoje. Deus nos abençoe a todos, para que sejamos fiéis e leais aos convênios que fizemos com nosso Senhor, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido na sessão matutina de domingo, 7 de Abril de 1974.



A Força do Testemunho

Testemunho somado à fé e perseverança proporcionará exaltação.

Presidente Hartman Rector, Jr.
do Primeiro Conselho
dos Setenta

Nesta conferência tão maravilhosa e inspiradora, apoiamos um novo profeta. Isto se torna necessário, pois é um mandamento de Deus, mas, naturalmente, o trabalho ainda está por fazer. Nós temos que segui-lo.

A resposta do Profeta Joseph Smith à pergunta: "Quais os princípios fundamentais da sua religião?" contém uma declaração sucinta sobre a importância do testemunho. Disse ele:

"Os princípios fundamentais da nossa religião se constituem nos testemunhos dos apóstolos e profetas de que Jesus Cristo morreu, foi sepultado, ressuscitou no terceiro dia e subiu aos céus; e todas as outras coisas que pertencem à nossa religião são meros complementos dessa verdade. (**Ensinamentos do Profeta Joseph Smith,** p. 118)

Testemunho é o conhecimento seguro da veracidade do Evangelho recebido por revelação do Espírito Santo, conforme o Presidente Romney explicou esta manhã. Por isso, é vital para o indivíduo que deseja estar em comunhão com o Criador. Embora muitíssimo importante, o homem **não é** salvo unicamente em virtude do seu testemunho, ainda que seja o início de um autêntico progresso espiritual.

É um erro comum achar-se que testemunho significa conversão total. Muitas vezes equacionamos testemunho com a fé num homem e dizemos: "Ele tem muita fé" significando que tem um forte testemunho; ou então afirmamos: "Ele tem um forte testemunho", querendo dizer que tem muita fé. Todavia, não creio que os dois sejam sempre sinônimos. A fé é baseada em conhecimento; uma esperança naquilo que não vemos, mas é verdade. (Vide Alma 32:21) Testemunho é o conhecimento revelado.

Prestar testemunho quer dizer testificar aquilo que sabemos ser verdade. Muitas vezes o que chamamos de prestar testemunho, na verdade não é nada disso — é uma declaração ou expressão pública de agradecimento. É ótimo ser grato, mas gratidão pública não é testemunho. O testemunho provém do Espírito Santo. O Espírito de Cristo, que João testifica ser "a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo" (João 1:9), guiará o homem a Cristo, ajudando-o a obter um testemunho; e, caso seguido, levá-lo-á ao batismo na igreja de Jesus Cristo.

Muitos julgam receber um testemunho de que Jesus é o Cristo, achando que isto basta para salvá-



los. Dizem que estão "salvos". Naturalmente que não. Como não salvou um terço das hostes celestiais. Afirma Tiago: "... também os demônios... crêem e estremecem." (Tiago 2:19) No que eles crêem? Que Jesus é o Cristo; de fato, eles o sabem.

Pedro teve testemunho de que Jesus é o Cristo; ele o prestou e certamente provinha do Senhor, pois o Mestre diz: "...porque to não revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus." (Mat. 16: 17) É muito improvável que naquelas alturas Pedro estivesse convertido, pois simulou desconhecer o Senhor Jesus Cristo, quando se achou em perigo de vida. Mais tarde, o Mestre confirmava que Pedro não estava convertido, ao dizer-lhe, pouco antes de sua agonia e morte na cruz: "...quando te converteres, confirma teus irmãos." (Lucas 22: 32) O testemunho ou conhecimento de que Jesus era o Cristo não "salvou" Pedro de negar o Mestre — provavelmente por não estar convertido. Ele não seguiu o Senhor, quando sentiu perigar a própria vida.

Quando estamos convertidos, nós apoiamos e seguimos os servos ungidos do Senhor; estamos em concordância com eles. Este é um dos verdadeiros sinais da conversão. Muitos homens possuidores de testemunhos mostraram-se incapazes disso. Nesta dispensação, para citar alguns, Martin Harris, David Whitmer e Oliver Cowdery (as três testemunhas do Livro de Mórmon) e Thomas B. Marsh (o primeiro presidente do Quorum dos Doze) tiveram esse problema. Recusaram-se a apoiar o servo ungido do Senhor, provocando a sua expulsão da igreja.

A conversão implica numa mudança; como diz o Rei Benjamin, significa "despojar-se" do homem natural que é egoísta, convencido, impaciente, imoderado, desobediente e rebelde, tornando-se "santo pela expiação de Jesus Cristo, o Senhor'". Isto significa tornar-se "como criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai." (Mosiah 3:19)

Para destacar este ponto em particular, disse Jesus: "Nem todo o que... diz: Senhor, Senhor!... (será salvo), mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus." (Mat. 7:21)

Jesus estava totalmente comprometido a fazer a vontade do Pai, e foi inequívoco ao aconselhar-nos a segui-lo no cumprimento da vontade do Pai. Os que estão realmente convertidos desejam fazer a vontade do Pai. E como saberemos a vontade dele? É o que poderá vir diretamente do Pai por revelação, mas isso é raro. Quando ele dispõe de servos autorizados, geralmente nos será comunicada por intermédio destes — o presidente da Igreja, as Autoridades Gerais, o presidente da estaca, o bispo, o presidente do ramo, ou, em outras palavras, os servos ungidos do Senhor. Assim se torna clara a necessidade de apoiarmos em retidão os servos ungidos do Senhor. Se estivermos realmente convertidos, estaremos também em harmonia com eles. Este é um sinal da genuína conversão; isto é fazer a vontade do Pai.

Poucas são as ocasiões registradas na história do mundo em que Deus, o Pai, falou diretamente ao homem. Geralmente, quem fala é o Senhor Jesus Cristo. Ele é o Jeová do Velho Testamento. Tem autoridade para falar em nome do Pai.



Existem, contudo, algumas ocasiões em que não resta dúvida de quem está falando — é o Pai. Sua voz se fez ouvir no batismo de Jesus por João Batista, no Jordão. Foi ouvida novamente no Monte da Transfiguração, e mais uma vez em 1820, no bosque perto de Palmyra, Nova York, pelo Profeta Joseph Smith — sempre ou apresentando seu Filho Jesus Cristo ou testificando dele.

Entretanto, temos registros de palavras do Pai transmitidas a nós pelos profetas. Alguns destes casos aparecem no Livro de Mórmon, livro este do qual o Profeta Joseph Smith prestou testemunho, dizendo: "o mais correto de todos os livros na terra... e o homem chegará mais perto de Deus acatando seus preceitos, do que por nenhum outro livro." (**Documentary History of the Church**, vol. 4, p. 46)

Na passagem específica a que me refiro, o Profeta Néfi explica por que foi necessário Jesus ser batizado por João para "cumprir toda a justiça". Ensina que Cristo "se humilha ante o Pai, testificando-lhe obediência na observância de seus mandamentos.

"...novamente, mostra aos filhos dos homens quão reto é o caminho e quão apertado é o portão pelo qual deverão entrar, tendo ele lhes dado o exemplo." Depois disse: "Segui-me" (II Néfi 31:6-7, 9-10).

Néfi pergunta: "Portanto, meus

queridos irmãos, poderemos nós seguir a Jesus, a menos que queiramos guardar os mandamentos do Pai?" (II Néfi 31:10) Depois, registra a doutrina do Pai: "... Arrependei-vos, arrependei-vos, e sede batizados em nome do meu Filho Bem-amado.

"E a voz do Filho também veio a mim, dizendo: "Aquele que for batizado em meu nome receberá do Pai o Espírito Santo, como eu recebi: segui-me, pois, e fazei as coisas que me vistes fazer." (II Néfi 31:11-12)

Néfi escreve ainda que lhe veio a voz do Filho dizendo:

"Se, depois de vos arrependerdes de vossos pecados, de dardes testemunho ao Pai de que estais prontos a guardar meus mandamentos, pelo batismo de água, de haverdes recebido o batismo de fogo e do Espírito Santo e de terdes podido falar em língua nova, sim, na língua dos anjos, me negardes, teria sido melhor que não me tivésseis conhecido." (II Néfi 31:14)

Então Néfi registra este testemunho do Pai a respeito do Filho;

"E eu ouvi a voz do Pai, dizendo: Sim, as palavras do meu Amado são verdadeiras e fiéis. Quem perseverar até o fim, esse será salvo." (II Néfi 31:15)

Bem, esta é obviamente a mensagem mais importante que Deus, o Pai, poderia dar aos filhos: "Arrependei-vos e sede batizados em nome de Jesus Cristo, e depois perseverai até o fim. Esta é a vontade do Pai. Isto é o que ele quer para seus filhos. A marca da verdadeira conversão é a **perseverança.** Somente aquele que perseverar até o fim se beneficiará do grande e eterno plano de redenção.

A declaração do Profeta Joseph Smith sobre os perigos de se criticar



ou rebelar-se contra os ungidos do Senhor, é muito significativa:

Dar-vos-ei uma das (chaves) dos mistérios do reino," disse o Profeta. "É um princípio eterno que tem existido com Deus por todas as eternidades. O homem que se levanta para condenar outros, criticando a Igreja, dizendo que se afastaram do caminho enquanto ele próprio é justo, sabei então com certeza que esse homem está no caminho direto para a apostasia; e se não se arrepender, ele apostatará tão certo quanto Deus vive." (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, pág. 152 — CEB)

Então, nossa recusa de apoiar ou seguir os servos ungidos do Senhor é uma forma de rebelião, que é resistência aberta ou intencional e desafio à autoridade de Deus. Rebeldia é o oposto de obediência e leva à expulsão do reino. Foi isto que aconteceu a Lúcifer. Ele recusou-se a apoiar o Senhor no sentido de não seguir e fazer as coisas que vira o Pai fazer antes dele.

Quando deixamos de fazer o que sabemos ser certo, tendo a luz diante de nós, mas recusando-nos a obedecer, não obstante os convênios feitos nas águas do batismo, tornamo-nos rebeldes. Alguns até mesmo parecem comprazer-se na sua rebeldia e vangloriam-se dela; se ao menos soubessem que a ira do Senhor está acesa contra todos os rebeldes, (Vide D&C 63:2) e que serão feridos com muita dor e fracassarão. (Vide D&C 1:3)

Os que se convertem terão sucesso nesta provação terrena. O reino não vai fracassar. Ele é a pedra que o Profeta Daniel viu ser cortada da montanha sem mãos e que rolou pelo lado do monte com ímpeto cada vez maior. Derrubou todos os outros reinos; encheu a terra inteira e perdurou para sempre.

O reino de Deus é um vencedor. Não é formidável ser parte de um vencedor? Não gostais de um vencedor? Eu gosto. Confesso que odeio perder. Acho que sou o pior perdedor do mundo. Não creio nisto. Dizse que não importa se a gente ganha ou perde, mas como joga. Não acre-



diteis nisso; faz uma diferença enorme se a gente ganha ou não. Viemos à terra para vencer, e nós venceremos, se nos agarrarmos ao Senhor, porque o Senhor não vai perder. Ele não pode perder. O reino é um vencedor, e se seguirmos seu caminho, nós ganharemos com ele. A promessa é infalível: "Quem perseverar até o fim, esse será salvo." (II Néfi 31:15)

O testemunho não nos salvará; mas testemunho somado à fé e conversão, a qual inclui força de resistir, que é perseverança, nos exaltará.

Escutai as palavras do Mestre:

"Portanto, como sois agentes, estais empenhados no serviço do Senhor; e tudo o que fizerdes de acordo com a sua vontade é negócio do Senhor.

"Portanto, não vos canseis de fazer o bem, pois estais construindo o alicerce de um grande trabalho. E de pequenas coisas provêm as grandes.

"Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente; e nestes últimos dias, os de boa vontade e os obedientes comerão do bem da terra de Sião.

"E os rebeldes serão banidos da terra de Sião, e serão expulsos, e não herdarão a terra.

"Pois na verdade digo que os rebeldes não são do sangue de Efraim, portanto, serão extirpados.

"Eis que eu, o Senhor, fiz a minha igreja, nestes últimos dias, semelhante a um juiz que se assenta sobre um monte ou num lugar alto, para julgar as nações.

"Pois acontecerá que os habitantes de Sião julgarão todas as coisas referentes a Sião.

"E provocarão os mentirosos e hipócritas, e os que não forem apóstolos e profetas serão conhecidos.

"E mesmo o bispo, que é um juiz, e os seus conselheiros, se nas suas mordomias não forem fiéis, serão condenados, e outros serão postos em seus lugares.

"Pois eis que vos digo que Sião florescerá, e a glória do Senhor estará sobre ela;

"E será um estandarte para o povo, e a ele virá gente de todas as nações debaixo dos céus.

"E dia virá em que as nações da terra estremecerão por causa dela, e temerão por causa dos seus terríveis. O Senhor o disse. Amém." (D&C 64:29, 33-43).

Isto vos parece um perdedor? Digo-vos que não. E os que se convertem, que conseguem seguir ao Senhor e seus servos ungidos, estes são os que realizarão os propósitos de Deus. Antes de poder tornar-se um grande líder no reino de Deus, tendes que ser primeiro um grande seguidor. Obedecer ainda é melhor que sacrificar, e atender melhor do que gordura de carneiro. (Vide I Samuel 15:22).

Que o Senhor nos abençoe, para que perseveremos e permaneçamos fiéis, ao seguirmos os servos ungidos do Senhor, e que nos possamos sentir bem com isso. Eu oro que assim seja, em nome de Jesus. Amém.

Discurso proferido na sessão vespertina de domingo, 7 de Abril de 1974.







"Se Eu... Não Derramar Sobre Vós Uma Bênção"

O pagamento do dízimo é uma prova de fé e lealdade.

Élder Henry D. Taylor
assistente do Conselho dos Doze

Com o crescente custo de bens e serviços, a inflação aumenta constantemente. Tais aumentos provocam dificuldade para muita gente, mas particularmente para as pessoas e famílias com rendimentos fixos. Há tanta necessidade de cada dólar disponível, que é preciso um ajustamento constante para nos mantermos dentro do orçamento.

Séculos atrás, o Senhor deu-nos uma fórmula, através de um seu profeta, para solucionar esses problemas, quando disse a Malaquias: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança." (Mal. 3:10).

Freqüentemente ouvimos dizer: "Não me posso dar ao luxo de pagar o dízimo."

— Pessoas que falam assim ainda não aprenderam que elas não se podem dar ao luxo de **não** pagar o dízimo. Existem muitos membros que, por experiência própria, podem testificar, e o fazem, que nove décimos bem planejados, distribuídos e gastos com sabedoria, com as bênçãos do Senhor, renderão muito mais do que dez décimos gastos sem planejamento e sem as bênçãos do Senhor.

O pagamento do dízimo é uma prova de nossa fé e lealdade. Há muitos anos, já aconselhava o Presidente Joseph F. Smith: "Através desse princípio (o dízimo), será posta à prova a lealdade do povo desta Igreja. Através desse princípio, serão conhecidos os que são a favor do reino de Deus ou contra ele." (Joseph F. Smith, **A Doutrina do Evangelho,** vol 1., p. 167)

Muitas vezes surge a pergunta: "O que é o dízimo?" Joseph L. Wirthlin, ex-bispo presidente da Igreja, deu-nos uma definição clara, ao explicar: "O próprio termo já significa um décimo. O dízimo é um décimo das rendas totais do assalariado. O dízimo é um décimo da **renda líquida** do profissional liberal. O dízimo é um décimo da **renda líquida** do agricultor e também um décimo da produção usada por ele para sustento da família, o que é uma exigência justa e equitativa, uma vez que os outros têm de adquirir a alimentação para a família com o que ganham. O dízimo é um décimo dos dividendos provenientes de investimentos. O dízimo é um décimo do seguro líquido recebido, menos os prêmios, desde que se pagou dízimo sobre os prêmios." **(Conference Report,** abril de 1953, p. 98. Grifo nosso).

Vários presidentes da Igreja têm explicado que o pagamento do dízimo é um assunto individual e pessoal, e uma contribuição voluntária. Brigham Young ensinava os santos, nos primórdios da Igreja, dizendo: "Não pedimos a ninguém que pague dízimo, a não ser que esteja disposto a fazê-lo; mas, se quereis pagá-lo, fazei-o como homens honestos." ("Brigham Young on Tithing", **Improvement Era,** maio de 1941, p. 282.)

Anos mais tarde, o Presidente Grant advertia o povo nestes termos: "O Senhor, como sabeis, não manda coletores uma vez por mês para arrecadar notas; ele não nos manda nossa conta uma vez por mês; o Senhor confia em nós; somos agentes; temos o livre arbítrio..." (Heber J. Grant. "Settlement", **Improvement Era,** janeiro de 1941, p. 9)

Há mérito em pagar o dízimo, quando se recebe a renda ou lucro, embora os agricultores e outros que têm negócio próprio geralmente achem necessário calcular seus lucros em base anual. Novamente o Presidente Grant sugere, baseado em anos de experiência e observação: "O pagamento de nosso dízimo na época própria — quando recebemos nosso rendimento — torna-se mais fácil. Descobri que aqueles que pagam dízimo todos os meses encontram menos dificuldade em fazê-lo do que aqueles que deixam para pagá-lo no fim do ano..." (Heber J. Grant, **Gospel Doctrine,** p. 9.)

A lei do dízimo veio como um

mandamento do Senhor, e quando cumprimos essa lei e mandamento, temos direito às bênçãos prometidas, pois o Senhor disse: "Eu, o Senhor estou obrigado quando fazeis o que eu digo; mas, quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma." (D&C 82:10. Grifo nosso)

Nos primeiros tempos da Igreja, havia uma mulher boa e fiel, Mary Smith, viúva do patriarca martirizado Hyrum Smith. Ela acreditava firmemente nas promessas do Senhor. Joseph F. Smith e Joseph Fielding Smith, respectivamente seu filho e neto, chegaram a ser presidentes da Igreja. O primeiro conta um incidente ocorrido quando ele tinha uns dez anos de idade:

"Lembro-me perfeitamente de algo que ocorreu em minha infância", conta ele. "Minha mãe era viúva, com uma grande família para cuidar. Certa primavera, quando abríamos nosso silo de batatas, ela pediu-nos, a mim e meus irmãos, que carregássemos uma carroça com as melhores batatas, para levá-las à Igreja como dízimo; naquela ocasião, as batatas andavam muito escassas. Eu era ainda menino, mas fui encarregado de dirigir a carroça. Quando chegamos aos degraus do escritório do dízimo, prontos para descarregar as batatas, um dos secretários disse à mamãe: -Viúva Smith, é uma vergonha que deva pagar o dízimo:"... ele censurou minha mãe por pagar o dízimo, chamou-a de tudo, menos de prudente ou sábia; afirmou que havia pessoas fortes e capazes de trabalhar que eram sustentadas pelo escritório do dízimo. Minha mãe voltou-se para ele, dizendo: ..., você devia envergonhar-se do que disse. Você me negaria uma bênção? Se eu não pagasse meu dízimo, não poderia esperar merecer as bênçãos do Senhor. Pago meu dízimo não apenas por ser um mandamento de Deus, mas porque espero ser abençoada, fazendo-o. Cumprindo esta e outras leis, espero prosperar e ter condições de cuidar da minha família." (**CR,** abril de 1900, p. 48)

Lembro-me de estar sentado neste histórico Tabernáculo, em outubro de 1948, quando se realizava a conferência semi-anual da Igreja. Falava o Élder Matthew Cowley, do Conselho dos Doze. Na ocasião, contou um incidente que me deixou uma profunda e indelével impressão. Enquanto servia como presidente da Missão da Nova Zelândia, visitou uma boa irmã maori, que acreditava sinceramente no princípio do dízimo e o cumpria. Falou-nos da experiência nestas palavras:

"Bem, certa vez dei uma chegada como sempre fazia, quando visitava a vizinhança, para ver a grande mulherzinha, então nos seus oitenta, e cega. Ela não pertencia a um ramo organizado e não tinha nenhum contacto com o Sacerdócio, exceto quando era visitada pelos missionários. Naqueles tempos, não tínhamos missionários, estavam todos lutando na guerra.

"Entrei e cumprimentei-a à moda maori. Ela estava no quintal, junto de uma pequena fogueira. Estendi-lhe a mão para apertar a dela e ia esfregar meu nariz no dela, quando ela falou: "Não aperte minha mão...

"Eu disse então: "Ora, o que tem nas mãos é sujeira limpa. Eu quero apertar-lhe a mão. Tenho prazer nisso. Eu desejo."

Ela respondeu: "Ainda não." Então, pondo-se de joelhos, engatinhou até a casa. No canto desta, havia uma pá. Pegou-a e saiu engatinhando noutra direção, medindo a distância que percorria. Chegando a determinado ponto, pôs-se a cavar o chão com a pá. Finalmente, bateu em algo duro.



Afastando a terra com as mãos, retirou um vidro de conserva. Abriu-o, meteu a mão dentro dele, retirou algo que entregou a mim — era dinheiro neo-zelandês. Em moeda americana, devia equivaler a uns cem dólares. E disse: "É o meu dízimo. Agora posso apertar a mão do Sacerdócio de Deus."

"Eu falei: "A irmã não deve tanto dízimo."

"E ela retrucou: "Eu sei. Eu não devo agora, mas estou pagando um pouco adiantado, porque não sei quando o Sacerdócio de Deus aparecerá novamente por aqui."

Aí, após uma breve pausa e bastante emoção, o Irmão Cowley prosseguiu: "E então eu me curvei e encostei nariz e testa contra os dela, e as lágrimas de meus olhos rolaram pelas suas faces..." (**CR,** outubro de 1948, pp. 159-60)

Meus queridos irmãos, o Senhor realmente cumpre suas promessas. Ele de fato abre as janelas do céu e derrama suas bênçãos sobre os que são fiéis e obedecem a seus mandamentos, mas isto à sua própria maneira. Essas bênçãos poderão vir de modo financeiro ou temporal, ou então como um extravasamento espiritual, trazendo força, paz e conforto. Suas bênçãos podem surgir de maneira inusitada e inesperada, de modo que à primeira vista talvez nem sequer as reconheçamos como tal; mas o Senhor cumprirá o que promete. E isto eu testifico em nome de nosos Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido na sessão vespertina de domingo, 7 de Abril de 1974.

Em Vias de Preparação Novo Hinário da Igreja, Os Santos Estão Convidados a Apresentar Músicas e Letras

O Departamento de Música da Igreja está iniciando os preparativos para um novo hinário, e solicitamos a participação dos santos de toda parte em sua compilação, de acordo com o Élder O. Leslie Stone, assistente do Conselho dos Doze e diretor do departamento.

"Está previsto que levará muito tempo para coletar, avaliar e examinar o material a ser considerado. Os comitês do departamento vão rever hinários antigos, bem como outros materiais eventualmente apropriados.

"Além disso," diz o Élder Stone, "convidamos os compositores, autores e poetas da Igreja a submeterem ao departamento suas melhores obras para consideração."

Aqui vão as diretrizes:

1. Os compositores devem fornecer sua própria letra; é permitida a cooperação de letristas e compositores. Entretanto, os letristas podem submeter suas obras sem música.

2. São incentivados hinos a respeito da restauração, inclusive hinos que ampliem os assuntos já existentes no hinário atual. Há uma necessidade especial de hinos sacramentais, bem como sobre o Sacerdócio, lar, família e outros temas de particular significado para os santos.

3. Os hinos deverão ser apresentados de maneira apropriada — a letra datilografada ou escrita de modo legível, a música em manuscrito bem legível (de preferência a tinta), com apenas um hino por página.

4. Os manuscritos deverão ser endereçados ao Church Music Department, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150. O material não aceito será devolvido somente se for incluído o selo para devolução. (Em áreas em que não é possível adquirir selos dos Estados Unidos, os manuscritos serão devolvidos, se for solicitado.)

5. Quanto às áreas da Igreja de fala não-inglesa, os manuscritos poderão ser submetidos no idioma pátrio do autor.

6. O material aceito passará a ser propriedade da Igreja. Os compositores e autores cujos trabalhos forem aceitos, deverão esperar que estes sejam editados ou adaptados conforme a necessidade.

7. São bem-vindas sugestões e idéias dos membros da Igreja com respeito ao novo hinário.

O Élder Stone comentou que, baseado em experiências passadas, "apenas um número relativamente pequeno dos hinos apresentados se qualificarão para o novo hinário. A fim de evitar trabalho desnecessário e desapontamento, recomendamos que os santos que desejam apresentar trabalhos, consultem primeiro compositores e letristas locais qualificados para obter orientação e sugestões.

"Até mesmo os mais talentosos compositores e letristas, possuidores de anos de experiência, muitas vezes criam hinos aceitáveis somente após seguidas tentativas e muito trabalho de revisão e refinamento," explica o Élder Stone.

O primeiro hinário SUD, intitulado **A Collection of Sacred Hymns for the Church of the Latter Day Saints** (Coleção de Hinos Sagrados para a Igreja dos Santos dos Últimos Dias), foi publicado em 1835. Era uma edição de bolso, medindo aproximadamente 7,5 cm x 11,5 cm, e continha a letra de noventa hinos, trinta e nove dos quais de autoria de poetas SUD. Desde aí, houve pelo menos uma dúzia de revisões gerais ou edições em inglês, e muitos dos

hinos foram traduzidos para uns vinte e cinco idiomas.

Emma Smith compilou o primeiro hinário, depois de o Profeta Joseph haver recebido uma revelação, designando-a para fazer uma coletânea de hinos a serem usados pela igreja restaurada. (D&C 25.11-12) Ela então, a 1.° de novembro de 1840, publicava este anúncio no **Times and Seasons:**

"...solicitamos a todos os dotados de talento poético, cuja **musa** não tenha estado totalmente ociosa, sintam suficiente interesse num trabalho desse tipo, que enviem imediatamente todos os hinos **seletos,** recém-compostos ou revisados. Referindo-nos aos dotados de **talento poético,** não pretendemos excluir ninguém; queremos que **todos** aqueles que tenham bons hinos que animem o coração do justo, remetam-nos tão logo possível, endereçados à senhora Emma Smith, Nauvoo, Illinois."

O Élder Stone concluiu: "Nosso departamento, com seus supervisores, os élderes Mark E. Petersen e Boyd K. Packer, do Conselho dos Doze, gostaria de fazer eco ao convite de Emma Smith, encorajando "... **todos** aqueles que tenham bons hinos que animem o coração do justo...' ".

Exemplar de **A Collection of Sacred Hymns for the Church of the Latter Day Saints,** o primeiro hinário Sud compilado por Emma Smith e publicado em 1835.

Anunciada Conferências de Área no Japão e Coreia

Mais duas conferências gerais de área, desta vez na Ásia, foram anunciadas pela Primeira Presidência.

Essas conferências com duração de três dias, serão realizadas em fins-de-semana sucessivos em agosto de 1975 em Tóquio, Japão, e Seul, Coréia, comunicou o Presidente Spencer W. Kimball na semana passada.

Em Tóquio, a conferência realizar-se-á na sexta, sábado e domingo, dias 8, 9 e 10 de agosto de 1975, sob a direção da Primeira Presidência e com presença de membros do Conselho dos Doze e outras autoridades gerais. Todos os membros da Igreja no Japão estão convidados a comparecer.

O mesmo grupo de líderes da Igreja seguirão via aérea para Seul na semana seguinte para a conferência da Coréia. Esta está marcada para sexta, sábado e domingo, dias 15, 16 e 17 de agosto.

No Japão a Igreja conta com duas estacas, seis missões e um total de 22.653 membros. Na Coréia, existem 8.431 membros residentes em uma estaca e uma missão.

Na organização das conferências as autoridades gerais são assistidas por estes representantes regionais dos Doze encarregados das ditas áreas: Paul C. Andrus, Honolulu; Adney Y Komatsu, Honolulu; Edward Y Okazaki, Denver, e Kan Watanabe, Tóquio.

Os presidentes de estaca e missão daquelas áreas também auxiliarão no planejamento das conferências.

A programação das conferências do Japão e Coréia é semelhante às da Inglaterra, México e Alemanha, e destina-se a prover treinamento de liderança, inspiração e conselhos espirituais para os membros da Igreja.

O programa prevê uma reunião social e recreativa na noite de sexta-feira, sessões gerais na manhã e tarde de sábado, reuniões especiais no sábado à noite, e mais duas sessões gerais no domingo de manhã e à tarde.

Além dos numerosos líderes locais que participarão nas conferências, os números musicais ficarão a cargo de grandes coros formados por membros daqueles dois países.

MATERIAIS PARA O ANO 1975-1976

O Élder J. Thomas Fyans, Assistente do Conselho dos Doze e Diretor Gerente do Departamento de Comunicações Internas, anunciou que os materiais para uso das alas e ramos no Hemisfério Norte estão sendo despachados agora para os Bispos e Presidentes de Ramos que enviaram seus pedidos aos seus respectivos centros de distribuição. Os materiais para o Hemisfério Sul (nosso caso) serão enviados durante os meses de janeiro e fevereiro. Todos os novos materiais para o Sacerdócio e as organizações auxiliares serão incluídos nessa remessa.

Exposição Mórmon Em São Paulo



Painel ilustrativo sendo demonstrado aos visitantes.



Trabalhos apresentados pela Sociedade Socorro.

Sob o conhecido tema "Nenhum outro sucesso na vida pode compensar o fracasso no lar", uma magnífica exposição tratando dos aspectos educacionais, históricos e doutrinários da Igreja, foi mostrada ao povo paulista nos dias 2 a 15 de outubro p.passado. Saul Messias de Oliveira, presidente da Estaca São Paulo Sul e diretor do programa de seminários no Brasil, acrescentou que; "O propósito daquela exposição foi mostrar como a Igreja tem conseguido superar aos graves problemas que envolvem a família moderna". Procurando definir aos visitantes o valor incomparável da família humana, a exposição se iniciava com uma projeção de 15 slides e uma fita explicativa mostrando como os mórmons organizam sua vida familiar. Entre muitos esclarecimentos, foi salientado o fato da família constituir a unidade básica da sociedade e ser uma instituição divina e eterna. A idéia principal desta mensagem visava esclarecer aos não mórmons o fato de não existir um céu sem família, sendo ela a verdadeira unidade celestial. Foi apresentado o programa de reuniões familiares como responsável pelo sucesso e aperfeiçoamento das famílias mórmons. Muitos outros conhecimentos foram levados aos visitantes através de outros painéis montados pelas diversas organizações auxiliares da Igreja. Uma sequência de quadros ilustrativos mostrava a história do homem, a história da Igreja nos tempos de Jesus Cristo e a história do Livro de Mórmon, bem como a restauração do evangelho e dos poderes do sacerdócio nos últimos dias.

Para um aproveitamento total, os visitantes eram conduzidos aos diferentes pontos da exposição pelos solícitos e atentos missionários de estaca, missionários de tempo integral e outros mais, que durante aquele período de 13 dias, procuraram com todo amor colocar dentro de cada visitante, uma semente do verdadeiro

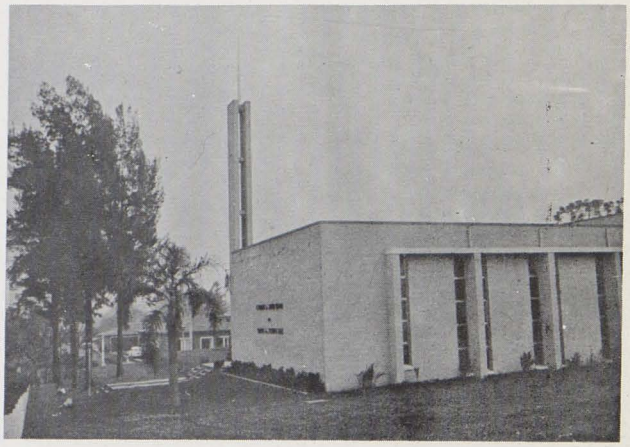
evangelho de Jesus Cristo. Com um resultado satisfatório, 2 filmes eram exibidos em diferentes sessões cinematográficas, onde uma audiência compreendida entre 30 e 60 pessoas podiam vislumbrar o fascinante ensinamento sobre o propósito da vida, além de conhecerem o grande desenvolvimento da Igreja de Jesus Cristo em diversas partes do mundo.

As habilidades, talentos e dedicação dos santos dos últimos dias, foram conhecidas através de stands montados pelo Sacerdócio Aarônico, Sociedade de Socorro e Primária, onde os seus mais perfeitos trabalhos eram admirados por todos.

Uma grande parte da literatura exposta, pôde dar aos visitantes uma idéia do alto nível de conhecimento e esclarecimento dos membros SUD. O programa, as atividades e costumes da Igreja conforme apresentados naquela exposição, pôde reforçar a afirmação de que os santos dos últimos dias é realmente um povo diferente e feliz e que suas famílias são bem constituídas, podendo assim orientar os seus filhos na vida terrena e encaminhá-los para a eternidade.

Aproximadamente 14.000 pessoas passaram e apreciaram aquela exposição. Ao término de suas visitas, muitos externaram sua apreciação e admiração pelo grandioso trabalho. Muitos testemunhos foram redigidos pelos visitantes e 3.500 deles se acham arquivados pela direção da exposição. Conforme o presidente Saul frisou, nunca na história da Igreja no Brasil, tantas pessoas, em tão pouco tempo, ouviram a mensagem da Igreja de Jesus Cristo.

A Estaca De Curitiba Realiza Sua 3.ª Conferência Anual



Local da Conferência — Capela da Estaca.

Com sua explêndida 3.ª conferência anual realizada no dia 15 de outubro do corrente, presidida pelo Élder J. Thomas Fyans (assistente dos doze), a estaca de Curitiba ganhou prestígio entre o povo curitibano, enaltecendo assim o seu grande número de membros.

Contando com a boa cobertura da imprensa falada, escrita e televisionada, a Igreja pôde levar ao povo local alguns conhecimentos sobre o mormonismo. A "Gazeta do Povo", jornal eminente daquela região, mostrou aos curitibanos o sucesso e crescimento do povo mórmon em sua cidade. Contando com mais de 4.000 membros, a estaca de Curitiba compõe-se de nove alas; sendo seis em Curitiba, duas em Ponta Grossa e uma em Joinville. Para esta conferência a estaca gozou de uma freqüência de 980 membros das diversas alas. As palavras proferidas pela autoridade geral, Élder J. Thomas Fyans, bem como pelo presidente da estaca, o irmão Jason Garcia Souza e outros líderes presentes, convergiram-se a um ponto específico: "Mensagens especiais aos pesquisadores da Igreja". Todos os oradores procuraram justificar a importância da Igreja, dando assim aos visitantes presentes, um incentivo para uma decisão segura e acertada.

Verificou-se o crescimento da estaca pelo número elevado de mais 15 homens ordenados ao ofício de élder no sacerdócio de Melquizedeque e também a aprovação para a construção de mais uma capela. A ala 5 que ganhará esta nova capela, conta com a direção do novo bispo Victor Bento, ordenado nesta conferência.

A sede da estaca, capela que se destaca pela sua beleza e simplicidade, ganha o seu bom nome, podendo ser encontrada no guia turístico da cidade de Curitiba, fator este que implica no conhecimento da existência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias naquela cidade. Com estes acontecimentos é bem provável que a divulgação da Igreja se faça mais presente e aumente as condições e facilidade de levar o verdadeiro evangelho aos que realmente tem o desejo de o abraçarem.

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY

E vi outro anjo
voar pelo meio
do céu, e tinha o
evangelho eterno,
para o proclamar
aos que habitam
sobre a terra, e a
toda a nação, e
tribo, e língua, e
povo. Dizendo
com grande voz:
Temei a Deus,
e dai-lhe glória;
porque vinda é a
hora do seu juízo.
E adorai aquele
que fez o céu,
e a terra,
e o mar,
e as fontes
das águas.
(Apoc. 14:6-7)